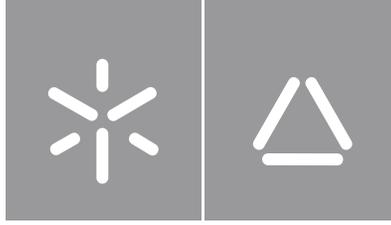


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carlos Eduardo Piloto Cirne

**Relatório de Estágio:
A influência das fontes no trabalho de
jovens jornalistas de Portugal e do Brasil**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carlos Eduardo Piloto Cirne

**Relatório de Estágio:
A influência das fontes no trabalho de
jovens jornalistas de Portugal e do Brasil**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Elsa Sousa Costa Silva
Morais**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

À minha mãe Margareth, por todo o apoio incondicional de sempre. À minha companheira de vida Juliana, por toda a ajuda, motivação e parceria em todos os momentos. À Giuseppe e Ana, por serem os melhores amigos. Ao meu pai, Maximiano, a quem não pude agradecer pessoalmente.

Também agradeço à Rádio Universitária do Minho e a todos seus funcionários pelo acolhimento e ensinamentos. À minha orientadora, Professora Elsa Costa e Silva, por toda a ajuda e paciência. E a todos os jornalistas participantes da pesquisa, pela disponibilidade e colaboração.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A influência das fontes no trabalho de jovens jornalistas de Portugal e do Brasil

Resumo

O Jornalismo se alimenta de informação, e esta pode ser derivada das mais diferentes fontes. Talvez a mais importante fonte de informação sejam as pessoas e, por conseguinte, seus relatos sobre acontecimentos dos quais têm conexões diretas ou indiretas.

A relação jornalista-fonte é um tema recorrente nesta profissão e é amplamente abordado na literatura. Embora grande parte das fontes de informação que concedem entrevistas ou relatam sobre acontecimentos não têm um interesse direto sobre as matérias que serão redigidas pelos jornalistas, há uma parcela significativa — e cada dia mais relevante — que exerce uma carga de influência sobre os profissionais do Jornalismo na tentativa de adaptar as agendas e enquadramentos destes para o seu benefício.

Com a indústria jornalística a passar por uma crise, a profissionalização das assessorias de imprensa e com as fontes de informação cada vez mais preparadas para exercer seu poder sobre os jornalistas, são os jovens o elo mais fraco a lidar com todas essas pressões do Jornalismo moderno.

Neste sentido, esta investigação busca compreender a percepção de profissionais do Jornalismo, do Brasil e de Portugal, no que tange seus relacionamentos com as fontes de informação. Busca também observar como eles percebem como foi lidar com as situações inerentes ao início da carreira, momento em que a inexperiência para administrar as pressões internas e externas pode ser um desafio no ambiente de trabalho jornalístico.

Para isso, foi aplicado um inquérito com 19 jornalistas, dos quais seis são portugueses e doze brasileiros — incluindo os profissionais da Rádio Universitária do Minho. O inquérito apresentou 13 afirmações a respeito das influências externas (tanto de editores como de fontes) no período inicial (primeiro ano) da carreira jornalística, quatro afirmações que levaram em consideração toda a carreira jornalística do respondente, assim como uma questão de múltipla escolha e um espaço para comentários a respeito das percepções dos jornalistas sobre as influências citadas anteriormente.

Os dados obtidos nesta pesquisa mostram que, embora reconheçam a existência de influências externas no trabalho de qualquer profissional da área — em especial no início da carreira —, os jornalistas iniciantes não possuem um total entendimento destes fenômenos e das implicações destes em suas rotinas de trabalho. Além disso, os resultados também apontaram para a instabilidade no emprego entre os jovens como um fator determinante a influenciar seus trabalhos.

Palavras-chave: Influência das fontes; Influência externa; Jornalistas; Radiojornalismo.

The influence of sources on the work of young journalists from Portugal and Brazil

Abstract

Journalism feeds on information, which can be derived from many different sources. Perhaps the most important source of information is people and, therefore, their reports of events to which they have direct or indirect connections.

The journalist-source relationship is a recurring theme in this profession, and widely addressed in the literature. Although most sources of information that grant interviews or report on events do not have a direct interest in the articles that will be written by journalists, there is a significant portion - and each day more relevant - which exerts a load of influence on journalism professionals in an attempt to adapt their agendas and framing for their benefit.

With the newspaper industry going through a crisis, the professionalization of public relations executives and with the sources increasingly prepared to exercise their power over journalists, young people are the weaker link to deal with all these pressures of modern Journalism.

In this sense, this investigation seeks to understand the perception of journalism professionals, from Brazil and Portugal, regarding their relationships with sources. It also seeks to observe how they perceive what it was like to deal with situations inherent to the beginning of their careers, a time when inexperience to manage internal and external pressures can be a challenge in the journalistic work environment.

To this end, a survey was conducted with 19 journalists, of whom six are Portuguese and twelve are Brazilian - including professionals from Rádio Universitária do Minho. The survey presented 13 statements regarding external influences (both from editors and sources) in the initial period (first year) of the journalistic career, four statements that took into consideration the respondent's entire journalistic career, as well as a multiple choice question and a space for comments regarding journalists' perceptions of the influences mentioned above.

The data obtained during the research show that, although they acknowledge the existence of external influences on the work of any professional in this field - especially at the beginning of their careers -, novice journalists do not have a full understanding of these phenomena and their implications for their work routines. In addition, the results also pointed to job instability among young people as a determining factor influencing their work.

Keywords: External influence; Journalists; Radio journalism; Sources influence.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	1
CAPÍTULO I – Relatório de Estágio.....	2
1. O Estágio na Rádio Universitária do Minho	2
1.1. Sobre a RUM	3
1.2. Os primeiros dias	3
1.3. Os primeiros trabalhos	4
1.4. Sobre ritmo e o trabalho repetitivo	5
1.5. Nova motivação e aprendizagem	6
1.6. Novas entrevistas e questionamentos.....	7
1.7. Balanço	8
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
1. Objetivo de estudo e enquadramento teórico.....	10
1.1. Relação fonte e jornalista.....	10
1.2. A construção das agendas e o enquadramento.....	14
1.3. A gangorra de poder entre jornalistas e fontes	18
1.4. Iniciativa, constrangimentos e necessidades na busca por histórias	24
1.5. A condição atual da profissão para os jovens jornalistas	27
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	31
1. Questões e metodologia	31
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
1. Apresentação dos resultados referentes à análise descritiva quantitativa	33
1.1. Caracterização da amostra	33
1.2. Análise descritiva do inquérito sobre o início da carreira	35
<i>Sobre as influências do(a) editor(a)</i>	35
<i>Sobre as influências das fontes de informação</i>	38
1.3. Análise descritiva sobre a experiência na profissão de forma geral	44
2. Apresentação dos resultados referentes à análise estatística	48
3. Apresentação dos resultados referentes à análise descritiva qualitativa	51
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	53
Referências Bibliográficas	58
Anexos	61

Índice de Figuras

<i>Figura 1.</i> Frequência da Área de atuação profissional	34
<i>Figura 2.</i> Respostas da afirmação 1	35
<i>Figura 3.</i> Respostas da afirmação 2	36
<i>Figura 4.</i> Respostas da afirmação 3	36
<i>Figura 5.</i> Respostas da afirmação 4	37
<i>Figura 6.</i> Respostas da afirmação 5	37
<i>Figura 7.</i> Respostas da afirmação 6	39
<i>Figura 8.</i> Respostas da afirmação 7	39
<i>Figura 9.</i> Respostas da afirmação 8	40
<i>Figura 10.</i> Respostas da afirmação 9	40
<i>Figura 11.</i> Respostas da afirmação 10	41
<i>Figura 12.</i> Respostas da afirmação 11	41
<i>Figura 13.</i> Respostas da afirmação 12	42
<i>Figura 14.</i> Respostas da afirmação 13	43
<i>Figura 15.</i> Respostas da afirmação 14	45
<i>Figura 16.</i> Respostas da afirmação 15	45
<i>Figura 17.</i> Respostas da afirmação 16	46
<i>Figura 18.</i> Respostas da afirmação 17	46

Índice de Quadros

Quadro 1. <i>Sexo dos Respondentes</i>	33
Quadro 2. <i>Faixa Etária</i>	33
Quadro 3. <i>Tempo de Atuação</i>	34
Quadro 4. <i>País dos Respondentes</i>	34
Quadro 5. <i>País do Respondente e Questões Sobre o Primeiro Ano de Atuação</i>	49
Quadro 6. <i>País do Respondente e Questões Sobre a Experiência Atual</i>	51
Quadro 7. <i>País do Respondente e Escore Total (1º Ano e Atual)</i>	51

Introdução

O relatório aqui apresentado é fruto do período de estágio curricular realizado na Rádio Universitária do Minho, como parte do segundo ano de mestrado em Ciências da Comunicação, com especialização em Informação e Jornalismo. Foi no curto período de três meses de estágio, com o exercício prático do ofício do jornalismo, que suscitou o questionamento sobre a delicada relação entre jornalistas e suas fontes.

A primeira parte do relatório é dedicada à uma análise crítica dos três meses de estágio, na qual é feita uma síntese dos momentos mais significativos da experiência na RUM, assim como especificadas todas as aprendizagens, as limitações e dificuldades.

Num segundo momento, após uma revisão dos principais questionamentos levantados durante o estágio e um enquadramento teórico sobre o tema proposto, foi aplicado um inquérito com 19 jornalistas brasileiros e portugueses, com o intuito de buscar um melhor entendimento sobre as percepções dos profissionais da área de ambos os países sobre as pressões externas inerentes ao ofício jornalístico, assim como seus relacionamentos com as fontes de informação.

A terceira parte deste trabalho é dedicada à análise de todos os dados recolhidos com o inquérito, na qual é avaliada a pergunta principal deste estudo com a ajuda das respostas entregues pelos 19 jornalistas participantes.

O trabalho é finalizado com as conclusões e recomendações, seguidos das referências bibliográficas e anexos.

CAPÍTULO I – Relatório de Estágio

1. O Estágio na Rádio Universitária do Minho

O estágio na RUM foi realizado entre os meses de setembro e dezembro de 2019, tendo uma duração total de três meses. Como a minha área de atuação anterior era a Publicidade, a curta experiência na rádio foi desafiadora e extremamente importante no meu processo de entendimento do Jornalismo, disciplina da qual eu não possuía conhecimento aprofundado. Em retrospectiva, o trabalho foi muito proveitoso, mas a RUM não era a minha primeira opção para o estágio académico. Honestamente, sequer era a segunda opção.

Apesar da formação que adquiri em Comunicação Social, meu contato com o jornalismo foi muito próximo do zero durante a graduação. Profissionalmente, minha relação com o jornalismo também foi mínima durante os últimos dez anos. Recentemente, porém, iniciei um trabalho que envolve informação, embora as notícias criadas sejam sobre o mundo do entretenimento. Neste mesmo trabalho, cumpro tarefas de Relações Públicas, o que me levou a almejar ainda mais a possibilidade de trabalhar com assessoria de imprensa.

Desta forma, ganhou corpo a ideia de enriquecer meu currículo e mesclar a experiência do meio jornalístico ao meu portfólio. Inicialmente, tentei contactar duas fontes de informação portuguesas na área em que atuo, os sites IGN Portugal e Eurogamer Portugal, mas não obtive sucesso. Como última sugestão na lista requerida pela Universidade, indiquei a intenção de estagiar na Rádio Universitária do Minho, principalmente por questões de proximidade e praticidade. Ao contrário da Rádio, os dois veículos citados anteriormente fazem a cobertura da ascendente cultura conhecida como 'geek', que cobre as notícias e produz matérias sobre as indústrias dos games, cinema, música etc. De facto era essa a minha meta inicial, mas não foi possível atingi-la.

Passadas algumas semanas recebi a confirmação da oportunidade de completar o período de estágio na Rádio Universitária do Minho. Era, portanto, a chance de dar andamento ao meu trabalho no mestrado, mas também de deixar a zona de conforto e encarar de frente um trabalho radicalmente diferente para mim. Dito isso, agrada-me a rádio e acredito no poder do som. Cresceu em mim, portanto, a vontade de tentar diversificar meus conhecimentos. Por isso escolhi seguir na RUM, ao invés de tentar um jornal impresso ou canal de TV. Este último que seria um desafio muito além do que eu estava disposto a enfrentar.

1.1. Sobre a RUM

A Rádio Universitária do Minho é uma rádio generalista fundada em 10 de julho de 1989 na cidade de Braga, em Portugal. A RUM caracteriza-se por um perfil independente e alternativo, com uma programação variada e sempre a atualizar-se, que vai da música, cultura, desportos, variedades, programas de entrevistas e noticiários de hora em hora.

Com ligação umbilical à Universidade do Minho e mais de 30 anos de história, a rádio preenche 24 horas de programação todos os dias da semana e se encontra na marca 97.5 FM para todo o litoral norte de Portugal e também na internet, no endereço <https://www.rum.pt/>, com transmissão por *streaming* ao vivo para todo o mundo.

De acordo com as palavras da própria emissora em seu perfil online na rede LinkedIn:

A música e a cultura preenchem as 24h de emissão com uma selecção ecléctica, desde a Literatura ao Jazz, passando pelas Músicas do Mundo e pela Electrónica. Aposta cada vez mais na Informação de excelência, com serviços noticiosos à hora certa e rubricas dedicadas aos destaques desportivos, culturais e também ao dia-a-dia da Universidade do Minho. Como complemento à rádio, o Audiovisual tem crescido e actualmente a RUM presta também serviços externos, especialmente na transmissão de eventos em directo e produção de vídeos institucionais. (disponível em 2/11/2020)

1.2. Os primeiros dias

Precisamente no dia 16 de setembro de 2019, iniciei minha jornada na Rádio Universitária do Minho com uma reunião com a jornalista responsável na empresa pelo meu estágio, que também é a editora-chefe do jornalismo da Rádio. O primeiro dia, assim como praticamente toda a primeira semana, foi de apresentações, tanto da equipe e instalações da RUM, como de toda a rotina de trabalho e processos pelos quais os jornalistas passam na coleta e processamento de notícias, entrevistas ou cobertura de eventos.

Apesar do notável esforço feito pela Diretora de Redação da rádio, confesso que o primeiro contato com os funcionários e equipe de redação foi superficial. O ambiente é um tanto isolador, cada jornalista acaba por cuidar de sua agenda e deve administrar seu tempo, restando pouco espaço para o contato interpessoal ou diálogos entre os profissionais na redação. Apesar disso, todos me receberam muito bem na medida do possível. A princípio pouco pude fazer de relevante e pouco pude absorver ou aprender, visto que os jornalistas têm agendas bem apertadas, especialmente por conta dos noticiários de hora em hora que a rádio costuma apresentar. É, portanto, uma grande correria o tempo todo, e por

isso tive um tempo limitadíssimo de tutoria para aprender a rotina. Não por culpa dos profissionais, mas por consequência do tempo limitado, também fortemente influenciado pela época de eleições em Portugal.

A Rádio Universitária do Minho conta com um número significativo de funcionários a trabalhar em instalações que abrangem três estúdios de gravação (dois grandes, para os programas em direto, e um menor, para as entrevistas por telefone) e os espaços destinados aos setores de redação jornalística, comercial/administrativo e criativo da rádio. A programação, notadamente voltada ao público jovem, mas que também atinge as mais variadas faixas etárias da região de Braga, conta com programas diversos que vão desde os musicais alternativos até programas de entrevistas, passando naturalmente pelos noticiários de hora em hora que são apresentados em direto pelos jornalistas da RUM.

Nos dias subsequentes de minha chegada acompanhei, em estúdio, os noticiários comandados pelos jornalistas da RUM, como forma de entender o funcionamento da rádio em directo. Também me desloquei, a acompanhar uma colega de redação, para Guimarães para acompanhar a apresentação à imprensa do projeto da câmara para o turismo da cidade. Foram duas experiências interessantes para ter o primeiro contato com os trabalhos de rotina da RUM.

1.3. Os primeiros trabalhos

Como meu primeiro trabalho efetivo para a RUM, a Diretora de Informação me indicou uma entrevista em vídeo no site da RTP e pediu-me para transformar a matéria em notícia para rádio. Meu trabalho resumiu-se a selecionar as informações mais importantes, extrair os áudios, e editar os RM's no software Audition. Seguindo este mesmo modelo, mas utilizando uma matéria-prima um pouco mais complexa, também sintetizei para o rádio uma reportagem da SIC sobre os boicotes das rádios locais às eleições da época (Anexo 3.1). A reportagem continha diversos depoimentos que demonstraram bem a dificuldade de selecionar RM's adequados em um tempo limitado. Seguindo os mesmos passos da notícia anterior, criei o material para o rádio e, posteriormente, formatei para o formato online, para ser disposto no site da RUM.

A diretora da redação da rádio ajudou-me a detectar e corrigir algumas falhas na confecção dessas notícias e forneceu algumas dicas fundamentais sobre as diferenças entre o rádio e o online. Foram exercícios importantes, mesmo que simples, especialmente para ajudar-me a entender melhor as limitações da notícia para o formato rádio.

O tempo é extremamente limitado e o poder de síntese se faz fundamental. Mais do que isso, consegui perceber melhor como é complexo o processo de escolha das notícias e das informações para

serem transmitidas em poucos segundos de antena. Foi também neste processo que senti que as diferenças do português me atrapalharam consideravelmente.

Ao final de três meses, não tenho dúvidas sobre o tipo de tarefa que mais exerci na Rádio Universitária do Minho: vasculhar as fontes de notícias mais utilizadas pela rádio (Agência Lusa, Reuters, SIC, RTP etc.) na busca por material de interesse para o público. Foram várias notícias diárias confeccionadas e editadas para os formatos de rádio e online, normalmente lidas nos noticiários e algumas vezes disponibilizadas também no site da rádio.

1.4. Sobre ritmo e o trabalho repetitivo

Ao início da segunda semana, eu já estava mais consciente do ritmo da redação. Entretanto, apesar dos esforços de todos, ainda recebia poucas instruções e a minha inexperiência seguia pesando. Por duas manhãs pude exercitar leituras de noticiários no estúdio, o que foi uma maneira interessante de ter um primeiro contato com o microfone. Acompanhar os colegas em saídas também foi construtivo neste período inicial, mesmo que a minha participação tenha sido apenas a de carregar equipamentos, tirar algumas fotografias (Anexo 3.2) e observar o trabalho dos jornalistas.

Também consegui perceber melhor o processo dinâmico de escolha e hierarquização das notícias. Algumas matérias exclusivas da rádio, como entrevistas que não são necessariamente urgentes, são programadas para horários ou dias específicos. Por outro lado, alguns "furos de reportagem", conquistados através do trabalho dos jornalistas da rádio e que podem ser explorados por outros veículos a qualquer momento, são jogados para a frente, com muito mais urgência – e até menos cuidado na confecção do texto.

Um contratempo inesperado surgiu ao final do mês de setembro, quando precisei lidar com a morte de meu pai. Este fato culminou em algumas semanas angustiantes que, somadas à distância da família, dificultaram ainda mais o meu trabalho. A diretora, que estava em férias no período e preferindo não colocar ainda mais pressão sobre os outros colegas de redação, pediu pelo meu regresso quando eu estivesse a sentir-me melhor.

O retorno foi lento, é verdade, pois ainda estava em processo de recuperação. Os jornalistas da redação estão sempre com as agendas cheias, principalmente a editora-chefe, que foi quem mais me auxiliou no estágio. Acredito que a minha total inexperiência com o ofício do jornalismo, somada às diferenças de linguagem falada e escrita inerentes ao meu português brasileiro, tenham sido um desafio tanto para mim como também para a própria diretora, que pareceu não ter tanta confiança em entregar-me trabalhos mais exigentes ou mesmo apresentar-me perante o público em antena. O que é

perfeitamente compreensível e me serve também como aprendizado, já que me ajudou a perceber exatamente onde preciso melhorar.

Pouco mais de um mês desde meu início no estágio, foi um tanto decepcionante perceber que eu ainda estava a fazer o trabalho repetitivo de apenas procurar notícias de fontes externas para reproduzir na linguagem da rádio, editando seus devidos RMs e parametrizando o material para ser passado em antena (Anexo 3.3).

Em contrapartida, no final de outubro acompanhei um colega jornalista da RUM na coletiva de imprensa para a apresentação do ticket de estacionamento para turistas na cidade de Braga (Anexo 3.4). Foi uma experiência interessante na qual me senti um pouco mais parte da comunidade jornalística. O colega de redação confiou a mim a tarefa de fotografar o evento e os políticos envolvidos. Fotos essas que foram aprovadas e acompanharam a reportagem que foi ao ar no site e redes sociais da RUM.

1.5. Nova motivação e aprendizagem

Nesta altura, eu já estava a ficar desmotivado e descontente com meu próprio desempenho no estágio, acreditando haver pouca confiança por parte dos colegas e da diretora em meu trabalho. Foi somente no início do mês de novembro que esta impressão começou a mudar. Primeiramente a diretora da redação me propôs a ideia de editar os noticiários já existentes para o português brasileiro, com o intuito de me proporcionar uma leitura mais fluida em estúdio, como exercício.

Essas edições me permitiram notar que muito de minha dificuldade se encontrava nas diferenças linguísticas, e não tanto em minhas limitações ou capacidades particulares. Com as edições, e levando em conta as considerações da editora para o cuidado com a respiração, força e ritmo na fala, pude notar uma melhora significativa em minha presença ao microfone. Ganhei, assim, confiança.

Contudo, foi já na segunda semana de novembro que aconteceu o ponto de virada na minha experiência na RUM. Recebi, na altura, um voto de confiança da Diretora de Redação para efetuar uma tarefa básica para qualquer jornalista, tarefa essa que via meus colegas desempenharem frequentemente: criar uma pauta e fazer meu primeiro telefonema para entrevista. A diretora encaminhou-me um press release recebido por e-mail e, motivado, criei algumas perguntas básicas para dar início à conversa.

Recebi rápidas instruções sobre o funcionamento do estúdio pequeno, utilizado quase que exclusivamente para estas ocasiões, e efetuei a ligação. A entrevista foi com a diretora da escola de dança Ent'artes, sobre o curso de inverno promovido pela escola. A tarefa veio com um misto de nervosismo e entusiasmo para mim, mas foi ótimo receber este voto de confiança. Fazer a cobertura de

meu primeiro press release, assim como receber a tarefa de fazer minha primeira ligação, foi extremamente importante para me motivar com o estágio. Confesso que já estava começando a ficar desinteressado e com baixa autoestima, acreditando que não havia a confiança de todos para tal. No final do processo, acho que fiz um bom trabalho, mesmo com o nervosismo na hora da ligação.

Curiosamente, em meu curto período na RUM, pude fazer parte de um momento histórico da instituição: a mudança de suas instalações para um novo endereço no centro da cidade de Braga. Mais do que apenas a mudança da morada isso significou uma renovação quase completa da tecnologia e dos equipamentos utilizados pelos profissionais. Juntamente com um novo nível de qualidade vieram também todas as dificuldades que são inerentes a uma mudança tão drástica. A preocupação de todos com os mínimos detalhes de qualidade no serviço entregue aos ouvintes é louvável e mostra todo o cuidado dos profissionais da Rádio Universitária do Minho. Qualquer mínimo ruído, mesmo que seja no pequeno estúdio para gravações de entrevistas, é tratado com extrema atenção.

Depois do primeiro, continuei a receber press releases constantemente, cumprindo com as tarefas, a meu ver, de forma satisfatória. Já ao final do período de estágio também fiz parte do e-mail da redação com as pautas para o dia seguinte. Talvez as tarefas não tenham sido com a frequência e qualidade que gostaria, mas ainda assim foi importante para sentir que fazia parte do processo de criação de conteúdo da divisão de jornalismo da rádio.

Receber novos PR's para fazer ligações e matérias foi excelente, como um sinal de que o trabalho havia sido feito de forma apropriada. Foi também um fator de motivação e confiança, senti-me mais como um jornalista parte da equipe e menos como um estrangeiro a fazer um estágio numa área que não é a sua. O caminho ainda é longo, é verdade, mas a motivação foi real e gratificante.

1.6. Novas entrevistas e questionamentos

Na última semana do mês de novembro recebi duas tarefas, na forma de duas entrevistas, que abriram ainda mais os meus olhos para o principal assunto abordado neste trabalho: o relacionamento jornalista-fonte de informação e a influência disto no ofício do profissional de Jornalismo.

A primeira destas tarefas foi um contato para entrevista com Rafael Pinto, candidato a Deputado pelo Pan Braga, sobre o Workshop de linguagem gestual que ele estava a organizar juntamente com seu partido (Anexo 3.5). A entrevista foi breve e agradável, onde o entrevistado se mostrou entusiasmado com o projeto e simpático com todas as perguntas feitas por mim. Após a entrevista organizei as informações recolhidas, editei os RM's e escrevi as devidas notícias para rádio e online, em duas versões distintas — uma para o mesmo dia e outra para o dia do evento.

Durante todo o processo, desde uma breve pesquisa para a criação da pauta até a montagem dos RM's e das notícias, percebi pela primeira vez neste estágio que pode ser natural haver influência das pessoas e temas em meu trabalho. Ao confeccionar os textos, a minha motivação era perceptível, muito possivelmente por ter me sentido compelido a ajudar uma causa teoricamente nobre. Mesmo sabendo que, mais profundamente, existisse também interesses políticos no evento.

Num segundo momento, a Diretora de Redação me enviou um outro e-mail com material de imprensa e o pedido para contactar um dos alunos que estava a organizar um evento importante na Universidade do Minho. O contacto foi difícil, com algumas ligações sem sucesso, sendo que por fim o entrevistado ligou para a rádio e pude fazer a entrevista sem contratempos.

Entretanto, nas horas posteriores à entrevista o comportamento do entrevistado me chamou a atenção: ele voltou a ligar para a rádio algumas vezes e insistiu em saber detalhes sobre o conteúdo que seria publicado, além dos horários das publicações. Ao conversar com os colegas da redação, eles me disseram que este é um comportamento recorrente com alguns entrevistados, o que despertou ainda mais a minha curiosidade sobre essa relação fonte-jornalista.

1.7. Balanço

Ao final de todo o processo, sinto que me faltou a experiência de ir ao microfone em antena. Mesmo sabendo que este não é o meu forte, acho que poderia ter feito um bom trabalho. Por outro lado, compreendo o receio da equipe em colocar ao microfone alguém inexperiente e com uma clara dificuldade em ler o português não brasileiro dos noticiários.

Aprende-se também nos erros, nas falhas e nos insucessos. Não creio que minha curta passagem pela RUM tenha sido um total desperdício, muito pelo contrário. Apesar de achar que eu tenha contribuído muito pouco para a instituição, tenho plena consciência que a RUM contribuiu imenso no meu crescimento pessoal e profissional. Se faltou prática de rua ou no estúdio, pude aproveitar a prática da redação. Além, é claro, de muita observação do trabalho dos outros profissionais da instituição.

O tempo sempre escasso; a urgência das notícias; o gerenciamento da hierarquia das notícias; o gerenciamento das agendas dos jornalistas da redação; a escolha dos temas, trechos ou falas mais interessantes ou apropriadas para as notícias que vão para o rádio ou para o online; a manutenção das relações com fontes de informação, assim como o desafio de lidar com as expectativas destas fontes; etc. Tudo colabora para que o trabalho na redação seja extremamente exigente. Talvez também por isso a experiência de observar os profissionais neste cenário tenha sido tão esclarecedora.

Minhas experiências anteriores haviam deixado a minha visão sobre conteúdo e informação sempre com uma tendência mais voltada para o lado comercial. Costumava tratar a criação de conteúdo como uma ferramenta de marketing e propaganda, o que difere radicalmente da abordagem jornalística. Percebi, desde o princípio, que a ética jornalística é um alicerce da criação dos conteúdos por parte da redação da RUM. Não havendo, até onde pude perceber, qualquer influência externa ou do setor comercial.

Acostumei-me durante anos a criar textos que abusam das figuras de linguagem, algo unimaginável nos conteúdos criados na RUM. Os textos trabalhados pelos jornalistas da rádio são breves e focados, não havendo espaço (ou tempo) para informações desnecessárias ou enfeites. Precisei, dia após dia, treinar uma escrita muito mais pragmática e sem excessos, com a qual não estava acostumado. Este fato, por si só, foi um exercício que levarei para qualquer trabalho que venha a realizar no futuro, seja no seguimento de minha formação original ou num futuro onde o jornalismo, a assessoria de imprensa ou as relações públicas venham a exigir tais cuidados.

A breve experiência com reportagem que tive na UC de Oficina de Jornalismo foi especialmente importante para me deixar mais preparado para enfrentar o período de estágio. Nesta UC fizemos exercícios que simularam aproximadamente o trabalho jornalístico que pude ter contato na RUM, realizando entrevistas, construindo reportagens e tendo contato com ferramentas de áudio e vídeo (incluindo um primeiro contato com a linguagem do rádio).

Mas não apenas na oficina pude extrair conhecimentos que foram importantes para o estágio. Como minha formação prévia e experiência profissional é na área da publicidade e marketing, todos os conteúdos do Mestrado, incluindo aqueles apenas teóricos, tiveram fundamental importância na minha preparação. Destaco principalmente as UC's de "Instituições e Fontes de Informação" e "Comunicação e Linguagem", por terem apresentado situações sobre a relação jornalista-fonte e a linguagem radiofônica.

Os casos que presenciei, pessoalmente ou como terceiro, durante meu curto período na RUM me fizeram pensar na pergunta deste trabalho. Se uma fonte esporádica pode tentar exercer algum tipo de influência no conteúdo, mesmo que aparentemente sem intenções negativas, me questiono qual pode ser o poder de uma fonte influente, ou carismática, perante um jornalista inexperiente. Qual pode ser a influência das fontes de informação no trabalho de jovens jornalistas, como os de rádios universitárias, tanto no Brasil como em Portugal? Eu mesmo senti essa força contrária de forma leve, o que fez essa questão permanecer na minha mente.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Objetivo de estudo e enquadramento teórico

Diante das breves experiências e acontecimentos que presenciei durante o período de estágio na Rádio Universitária do Minho, algumas dúvidas sobre a relação entre jovens jornalistas e fontes de informação afloraram em meus questionamentos sobre a profissão. Mais do que apenas levantar questões sobre a relação jornalista-fonte de forma holística, é especificamente o período inicial do trabalho jornalístico, seja em estágio ou em estado já profissional, que desperta em mim uma curiosidade maior, devido à falta de experiência dos agentes envolvidos.

O entendimento para o termo "fonte" mais comumente utilizado no contexto jornalístico, e que também se aplica a este trabalho, refere-se as pessoas a quem repórteres recorrem para obter informações, muitas vezes funcionários ou especialistas conectados a instituições centrais da sociedade (Berkowitz, 2009).

Este trabalho tem como objetivo primário compreender melhor os desafios e constrangimentos que este relacionamento inevitável impõe a jornalistas iniciantes, questionando as influências e suas relações com as fontes de informação. A investigação procura, ainda, fazer um estudo comparativo entre a experiência dos profissionais portugueses, notadamente os jornalistas da Rádio Universitária do Minho, e a de jovens jornalistas do Brasil, analisando a dinâmica jornalista-fonte nos contextos do jornalismo das duas nacionalidades.

1.1. Relação fonte e jornalista

A questão levantada durante a execução do estágio, sobre a influência das fontes no trabalho diário do jornalista, é, de fato, um dos temas mais relevantes no que tange o Jornalismo. Como tal, é amplamente abordado na literatura, como pode-se constatar em trabalhos como o de Daniel Berkowitz (2006), sobre a balança de poder e influência entre repórter e suas fontes, e de Zvi Reich (2006), que aborda a iniciativa no ato de criação de notícias. Mais recentemente, os artigos *A Question of Power* (Broersma, Den Herder, & Schohaus, 2013) e *The interaction between experts and journalists in news journalism* (Albæk, 2011) enriqueceram de forma relevante os estudos sobre o tema, ao aprofundarem a análise sobre a dinâmica entre fontes e jornalistas.

Talvez a metáfora mais conhecida a referenciar este tema seja a do sociólogo Herbert Gans, que escreveu que "a relação entre fontes e jornalistas lembra uma dança, pois as fontes buscam acesso aos jornalistas e os jornalistas buscam acesso às fontes" (Gans, 2004, p. 116). O autor aponta que é preciso

dois para dançar, fortalecendo a ideia de interdependência e simbiose entre as partes, embora fique uma questão não resolvida de quem conduz o "tango".

Gans (2004) reitera que apenas um pode ser o condutor desta dança. Para ele, quem mais frequentemente tem essa posição de liderança são as fontes. Em suas pesquisas, executadas durante vários anos na década de 1970, o autor já mencionava constrangimentos de tempo e *staff* como os principais motivos que levavam os jornalistas a procurar ativamente poucas fontes recorrentes e sempre disponíveis, em vez de expandir sua busca por novas fontes. Em outros casos, os jornalistas apenas esperam o contato feito pelas fontes, que 'vendem' a história para eles.

Para Cook (1998, citado em Strömbäck & Nord, 2006), "cada lado conta com o outro na negociação do merecimento das notícias, e nenhum dos dois domina totalmente, porque fontes e repórteres vêm de instituições pelo menos parcialmente independentes que comandam recursos únicos e importantes". Gandy (1982, citado em Pan, Gerald M. Kosicki, 2008), destacou as dimensões econômica e de informação desta comunicação ao comparar este relacionamento a uma transação econômica: as fontes influenciam o conteúdo da mídia ao aumentar ou reduzindo o custo da produção de notícias, incluindo coleta e embalagem de notícias. Desta forma, enquanto os jornalistas decidem quais informações têm valor, as fontes controlam o acesso a essas informações, numa negociação constante.

Como ilustrou Albæk (2011), antes do surgimento da televisão o jornalismo era mais descritivo, resumindo-se, na maioria das vezes, a descrever eventos e discursos. Com a ascensão de novas mídias como a TV e, posteriormente, a Internet, o jornalismo transformou-se de um modelo descritivo para um modelo interpretativo, no qual o jornalista desenvolve uma participação mais ativa e independente no processo de reportagem, explicando e interpretando eventos na forma de um enquadramento.

Enquanto no estilo descritivo o jornalista era um mero observador, no interpretativo ele passa a ser um analista (Patterson, 2000, citado em Albæk, 2011). No meio televisivo, por exemplo, os noticiários se tornaram mais discursivos e opinativos, menos denso de fatos baseados em fontes diretas (Schudson & Dokoupil, 2007, citado em Berkowitz, 2009). Em outras frentes, vemos a proliferação da mídia eletrônica interativa, com *talk shows*, salas de chat na Internet, grupos de notícias e outras novas formas de mídia. "Falar como um modo de comunicação, enraizado no diálogo ou conversa, está mudando não só o processo político, mas também como nós comunicar na sociedade. É a era da conversa" (Resse, Gandy, & Grant, 2008).

Estamos, portanto, num cenário em plena transformação, mas que dificilmente muda alguns aspectos básicos do relacionamento entre jornalista e fontes. Gans descreve em seus relatos uma imagem bastante pragmática sobre essa relação:

Os jornalistas veem as pessoas principalmente como fontes em potencial, mas as fontes veem a si mesmas como pessoas com a chance de fornecer informações que promovam seus interesses, de divulgar suas ideias ou, em alguns casos, apenas de colocar seus nomes e rostos nas notícias. Em qualquer caso, as fontes só podem se disponibilizar; são os jornalistas que decidirão se são adequados.

(Gans, 2004, p.117)

Essas constantes transformações que atingiram os meios de comunicação nas últimas décadas, oriundas de mudanças sociais e tecnológicas naturais, influenciaram fortemente a atividade jornalística, as relações entre jornalistas e fontes e, naturalmente, o modelo de negócios desta indústria. O tema foi abordado, por exemplo, por Axel Bruns (2018), no livro *Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere*. Bruns apresenta a hipótese de que as novas mídias — com blogs de notícias, sites de jornais comunitários e novas ferramentas independentes que operam paralelamente à indústria propriamente dita — estão a apresentar um desafio para o *status quo* jornalístico:

Esses sites ofereceram uma abordagem fundamentalmente reprojeta para rastrear e cobrir notícias: em vez do *gatekeeping* primário (selecionando apenas um punhado de histórias interessantes para aparecer em uma edição de notícias centralizada), eles se engajaram em uma prática secundária de *gatewatching*, no qual observam as histórias cobertas em outros veículos de comunicação, convencionais e alternativos, e assim vinculando, compartilhando e expandindo sobre essas histórias em suas próprias coberturas. (Bruns, 2018, p. 2)

Com o Jornalismo passando por mudanças tremendas, além de uma crise de identidade, financeira e estrutural, observamos serem fortalecidos alguns conceitos que, embora já existentes e relevantes previamente, exerceram uma enorme influência no processo noticioso. O primeiro destes conceitos é o *agenda-building*, que é o "processo pelo qual as demandas de vários grupos da população são traduzidas em itens que disputam a séria atenção dos oficiais públicos" (Cobb, Ross, & Ross, 1976) — e aqui usado para indicar quando agentes de instituições ou empresas querem disputar a atenção dos veículos de comunicação com o intuito de passar sua mensagem ao público.

Outro conceito ainda mais relevante neste contexto é o *framing*, ou enquadramento, uma teoria vastamente estudada nas áreas da Comunicação e Semântica, Psicologia e Sociologia. Uma de suas

definições foi trazida à tona e aprofundada pelo antropólogo Gregory Bateson (1976), segundo a qual a mídia utiliza de artifícios linguísticos para destacar um determinado ângulo de um acontecimento, destacando alguns aspectos e ocultando outros. Mais recentemente, Paul D'angelo (2017) descreveu o termo "media frame", constantemente relacionado com o jornalismo, como "uma modalidade de mensagem escrita, falada, gráfica ou visual que um comunicador usa para contextualizar um tópico, como uma pessoa, evento, episódio ou questão, dentro de um texto transmitido aos receptores por meio de mediação". (p.1)

Nestes modelos apresentados acima, o enquadramento de mídia e de notícias relega o público a meros receptores das mensagens mediadas por veículos e comunicadores. Mas também isso está a mudar: a mediação baseada na internet mostra que frames criados pela própria audiência também estão a entrar no ambiente de informações públicas. Hoje, qualquer pessoa tem acesso a ferramentas que a permitem alcançar um público (D'Angelo, 2017).

Esses cuidados com pautas e enquadramentos não fazem parte apenas das rotinas dos repórteres, mas também das fontes, que alimentam esses jornalistas com informações. Afinal, todo e qualquer processo de agendamento ou enquadramento só é possível quando há informação, "as notícias não são o que os jornalistas pensam, mas o que as suas fontes dizem" (Sigal, 1986, p. 29). A mídia oferece um potente canal de comunicação e as fontes detêm o conteúdo. Há, portanto, um certo equilíbrio de poder, que "molda como as interações entre repórteres e fontes se desdobram e qual parte pode liderar a negociação por informações que se transformam em reportagens" (Berkowitz, 2009, p. 106).

Na esfera política, por exemplo, tanto jornalistas quanto políticos, apesar de suas diferenças, são capazes de entender o papel uns dos outros e seguir rotinas viáveis que regem suas interações (Blumler & Gurevitch, 1980, citados em Pan & Kosicki, 2008), num processo que comumente possibilita alinhamentos políticos discursivos, ou "alinhamento do frame" (Snow et al., 1986, citados em Pan & Kosicki, 2008).

Nesta relação complexa e de constantes negociações, podemos concluir que há muito em jogo neste "tango", tanto para repórteres como para as fontes. Berkowitz (2009) complementa que os dois atores principais desta equação estão constantemente a arriscar suas credibilidades e sucessos profissionais. Portanto, este é um relacionamento delicadamente negociado, com cada parte esperando atingir seus objetivos.

Embora o público ainda espere do jornalismo imparcialidade ou histórias baseadas puramente em fatos, essa é uma realidade difícil de ser alcançada. Afinal, como mostram-nos conceitos como o *agenda-*

building e o enquadramento, sempre haverá interesses por parte das fontes nos relatos de jornalistas, para vincularem o conteúdo das notícias à opinião pública e, em última instância, ao seu próprio sucesso (Griffin & Dunwoody, 1995; Herman & Chomsky, 1988; Reich, 2006, citados em Berkowitz, 2009).

1.2. A construção das agendas e o enquadramento

Como constatamos no capítulo anterior, o *agenda-building* e o *framing* são, portanto, conceitos que influenciam diretamente o trabalho do jornalista e sua relação com fontes de informação. Apesar de ser um dos temas mais populares entre pesquisadores, o conceito do *framing* está, mais do que nunca, sob análise. Esta atenção especial se dá pela ambiguidade em torno do assunto, visto que pesquisadores de diversas áreas da Comunicação apresentam definições ligeiramente distintas da teoria.

Para Cacciatore, Scheufele e Iyengar (2016), esta compreensão pré-estabelecida sobre o enquadramento é incompleta e demasiadamente ampla, faltando-lhe poder explicativo real ou distinção de outros conceitos dos efeitos midiáticos. Contrariando entendimentos mais tradicionais sobre o tema, os autores consideram que quando demasiadamente ampla, esta definição de enquadramento pode levar a resultados de pesquisa mais difundidos e relevantes do que realmente são.

Cacciatore, Scheufele e Iyengar (2016) apontam para uma divisão do entendimento do *framing* entre a acessibilidade e a aplicabilidade. Numa análise sobre a acessibilidade à informação (vista no *agenda-setting*), a simples exposição a um conjunto de considerações já aumenta a relevância destas, independentemente de qualquer experiência prévia do receptor. Entretanto, em relação aos efeitos da aplicabilidade da informação, isso não pode ser dito com tanta certeza, visto que a cognição e o conhecimento preexistente do receptor da mensagem determinarão o grau da relevância de um determinado quadro. Ou seja, a presença de "um esquema cognitivo que corresponda ao quadro deve produzir um efeito de enquadramento, enquanto uma incompatibilidade entre o quadro e o esquema deve falhar em produzir tal efeito" (p. 13).

Apesar das nuances, variações e entrelaçamento de conceitos comuns nos estudos de comunicação e jornalismo relacionados ao *framing*, *agenda-setting*, *agenda-building* e tantos outros, trataremos estes conceitos de forma simplificada e generalista, a focar na influência de fontes e jornalistas no conteúdo da cobertura de notícias. Desta forma, e para evitar conflitos de entendimento, aqui trabalharemos o *framing* como enquadramento noticioso, mais voltado ao "media frame" apresentado por Paul D'angelo (2017).

É neste enquadramento que podemos perceber a linha editorial da instituição e de seus profissionais. Ao observarmos que "o conceito de enquadramento é uma forma de considerar o impacto

dos repórteres e de suas fontes nos significados" (Pan & Kosicki, 2001, citado em Berkowitz, 2009, p.106), discutimos, portanto, a capacidade destas fontes de informação de moldar este enquadramento noticioso para o seu favor.

O conceito de *agenda-building*, entretanto, extrapola os limites dos estudos de mídia, pois tem suas raízes em relações políticas e sociais de forma geral. Para exemplificar, podemos perceber que é normal que, na maioria das comunidades, o número de potenciais problemas públicos exceda consideravelmente as capacidades das instituições responsáveis de administrá-los. O processo de decidir o que é prioridade para essas instituições é, portanto, a "construção da agenda", o *agenda-building*. E a luta na arena pública não é apenas pelo direito de definir e moldar certas questões, ou mesmo o discurso em torno dessas questões, por vezes a luta é justamente para manter questões importantes fora da agenda pública (Cobb & Ross, 1997).

Num cenário ideal, podemos interpretar o *agenda-building* como um trabalho conjunto entre agentes influentes da sociedade para definir as prioridades públicas. Entretanto, diversos agentes são relevantes na ação de influenciar a opinião pública. Alguns desses agentes, naturalmente, são as mídias de massa, que podem forçar a atenção para certas questões, ou mesmo construir imagens públicas para certas figuras políticas: "elas estão constantemente apresentando objetos que sugerem o que os indivíduos na população deveriam pensar sobre, saber sobre ou ter sentimentos sobre" (Lang & Lang, 1969, citado em Mccombs & Shaw, 1972, p. 177).

Ainda mais potente do que a capacidade de influenciar o modo de pensar das pessoas, é a capacidade da mídia de influenciar sobre o que as pessoas devem pensar (Cohen, 1963, citado em Mccombs & Shaw, 1972). Em especial nas campanhas políticas, a hipótese é de que as mídias de massa têm a capacidade de definir as agendas das campanhas, influenciando a relevância de cada atitude em relação às questões políticas (Mccombs & Shaw, 1972). Essa capacidade das grandes mídias de direcionar a atenção do público para determinado problema é o que se pode entender por *agenda-setting*, ou agendamento, que é o que a mídia pretende pôr em pauta em sua redação com mais frequência e proeminentemente (Cacciatore et al., 2016).

Em contrapartida, o já mencionado *framing* (enquadramento) tem suas raízes nos estudos sobre comunicação social e semiótica. Para Rober Entman (1993) "enquadrar" é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais saliente, de modo a promover uma definição particular para o problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento.

No jornalismo, o termo *frame* surge para designar uma ideia central de organização para o conteúdo noticioso, que fornece um contexto e sugere o problema, por meio de seleção, ênfase, exclusão e elaboração (Tankard, Hendrickson, Silberman, Bliss e Ghanem, 1991, citado em Tankard, 2008).

Gamson (1996, citado em Pan & Kosicki, 2008) descreveu o enquadramento como "um processo discursivo de atores estratégicos que utilizam recursos simbólicos para participar da construção coletiva de sentido sobre questões de políticas públicas" (p.36). Desta forma, podemos perceber o enquadramento como uma estratégia para atrair apoiadores e mobilizar ações coletivas (Snow & Benford, 1988, 1992; Zald, 1996, citados em Pan & Kosicki, 2008).

Embora o foco deste trabalho seja analisar impactos mais imediatos na formação de enquadramentos, a focar nas consequências de influências mais pontuais de fontes com jornalistas inexperientes, é frequente que o conceito e a importância do *framing* seja mencionada a levar em consideração sua persistência no tempo e seu compartilhamento na sociedade, a trabalhar de forma simbólica até acabar por estruturar o universo social (Resse et al., 2008).

Sobre o impacto da persistência do enquadramento, Gitlin (1980, citado em Resse, 2008) descreveu o *framing* como "padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso" (p. 7). Contrariando uma visão mais imediata como este trabalho pretende analisar, a definição do autor enfatiza o enquadramento como parte de uma rotina, transcendendo qualquer história particular e como sendo persistente ao longo do tempo e resistente a mudanças.

Isso vai ao encontro dos pensamentos de Berkowitz (2009), que indica que essa dinâmica tem a habilidade de moldar significados na cultura de uma sociedade. Um determinado enquadramento, influenciado por certos grupos de interesse, pode ter um impacto social num nível macro na cultura. Desta forma, vemos o enquadramento como uma maneira de considerar o impacto dos repórteres e suas fontes sobre significados (Pan & Kosicki, 2001, citado em Berkowitz, 2009).

O presente trabalho não tem a pretensão de analisar este aspecto macro das relações entre jornalistas e fontes. Por meio do inquérito aplicado, este trabalho analisou um aspecto micro, mais específico e pessoal: a percepção dos jornalistas em início de carreira sobre a influência de fontes de informação com certo poder, ou com uma valiosa moeda social, em seus trabalhos. No entanto, nesse espectro macro, percebemos que essa capacidade de persistência de influenciar as notícias também equivale ao controle de longo prazo sobre os significados culturais. Embora seja importante ressaltar que por mais dinâmicos que sejam estes significados, a opinião pública é ainda mais rápida em mover-se (Berkowitz, 2009).

Quando jornalistas ou fontes de informação estão com o controle sobre o enquadramento de um problema, uma certa forma de pensar começa a se tornar dominante com o passar do tempo. Isto posto, como em qualquer negociação, o poder dos jornalistas e das fontes de controlar uma agenda de notícias em andamento é efêmero, visto que é ligado diretamente ao cenário político e social de um determinado local em um determinado momento (Fico & Balog, 2003, citados em Berkowitz, 2009). Essa inconstância no poder de decisão e de controle sobre pautas e enquadramentos, em um determinado cenário político-social, é característica marcante da balança de poder desta "dança" entre fontes e jornalistas.

Com isso passamos a discutir e reconhecer as diferenças de poder dos atores sociais em suas capacidades de impor um quadro de mídia. Para atores políticos, a potência do enquadramento vem de três fontes: acesso e controle de recursos materiais, alianças estratégicas e estoque de conhecimento e de habilidades no patrocínio dos *frames* (Gamson, 1988, citado em Pan & Kosicki, 2008). Ao combinar esses recursos, os atores políticos "tecem uma 'rede de subsídios' para privilegiar a disseminação e o empacotamento de informações em seu benefício" (Pan & Kosicki, 2008, p.44).

Como pudemos perceber anteriormente, as mídias de massa não são apenas condutores neutros, mas sim atores políticos importantes na deliberação pública (Cook, 1998, citado em Pan & Kosicki, 2008). As grandes mídias enquadram questões e moldam debates públicos, mas não são apenas os atores políticos ou os grandes veículos que têm o poder de alterar uma agenda ou introduzir um *frame* específico.

Até mesmo uma rádio comunitária ou universitária – como a própria Rádio Universitária do Minho, discutida neste trabalho – também detém certo poder e influência sobre as opiniões de seus ouvintes. As redes sociais formadas ao redor de um *talk show* de rádio, por exemplo, pode ser importante para uma determinada comunidade, fornecendo a base para uma mobilização discursiva (Jamieson, Cappella, Turow, 1998; Munson, 1993, citados em Pan & Kosicki, 2008):

Embora não tenha a capacidade de disseminação de informações da mídia tradicional, algumas mídias interativas, especialmente programas de entrevistas no rádio, podem obter seus recursos de seu respaldo ideológico e financeiro, do carisma dos apresentadores, ou mesmo da mobilização dos programas e da capacidade organizacional. (p.45)

São muitos os atores, grandes ou pequenos, com variável poder para influenciar a opinião pública. Mas também são muitas as formas que este poder é aplicado nas agendas e nos enquadramentos, e estas geralmente seguem normas específicas. Do ponto de vista dos estudos de jornalismo, Berkowitz (2009) indica que é simples identificar quando um enquadramento não cumpre

uma destas normas e, portanto, pode ser considerado um quadro "injusto". As fontes, em contrapartida, têm o objetivo de apresentar um significado dominante entre as interpretações possíveis sobre um evento.

Para empresas ou agentes de governos, por exemplo, o objetivo final é proteger e fortalecer a sua posição social e poder por meio de *frames* que sobreponham significados de sua preferência (Berkowitz, 2009). Embora muitas vezes alinhados, em diversas ocasiões a relação jornalista-fonte é antagônica:

Os jornalistas acabam tendo o papel de proteger a sociedade da corrupção, enquanto oficiais do governo e das empresas assumem a tarefa de proteger seus próprios interesses a todo custo. Mas esses tipos de poder representam apenas algo efêmero, ou seja, a capacidade de moldar o resultado de questões e políticas específicas. Uma vez que o resultado foi resolvido, a batalha pelo poder começa novamente (Berkowitz, 2009, p. 102)

São vários os fatores que influenciam esta balança de poder, como a iniciativa no processo noticioso, o relacionamento entre as partes (jornalista-fonte), a experiência e capacitação dos profissionais envolvidos, entre outros. Nos últimos anos, entretanto, a crise econômica da indústria jornalística e o crescimento e profissionalização das Relações Públicas e assessorias de imprensa, assim como as oportunidades criadas pela internet e redes sociais, podem ter desequilibrado essa balança em favor das fontes de informação (Broersma et al., 2013).

1.3. A gangorra de poder entre jornalistas e fontes

Apesar de um certo equilíbrio nas relações jornalista-fonte, a "batida do tango", como constatado previamente, pode variar dependendo do cenário sócio-político no espaço e tempo. Nem sempre é a fonte que se encontra em posição de vantagem para ditar a forma de enquadramentos ou das pautas. Embora Herbert Gans (2004) tenha considerado que são mais as fontes que lideram o Tango, percebe-se que as opiniões divergem na definição sobre qual lado pesa mais nessa balança. Tanto jornalistas como fontes detêm certo poder de barganha e estão sempre a jogar suas cartas enquanto pensam nos próximos movimentos.

Na indústria jornalísticas, notícias são um produto com expectativas organizacionais. Desta forma é também responsabilidade dos repórteres desenvolver estratégias e procedimentos para ajudar a garantir que eles vão produzir seu produto no prazo e de uma forma que seus pares julgarão "boa"

(Tuchman, 1973, citada em Berkowitz, 2009). A notícia se torna uma construção, e a interação de repórteres e fontes é como essa construção se concretiza (Ericson, 1999, citado em Berkowitz, 2009).

Para Gans (2004), o processo noticioso é o método de "tratar" e "embalar" o fluxo de eventos diários em um produto comercializável para o público. A "equação" desse processo é baseada na eficiência e no poder, que estão intimamente ligados. Mas o que define a eficiência ou o poder na relação entre essas partes? Como apresentado anteriormente, o poder sobre a opinião pública e influência na agenda de notícias é crucial (Kaniss, 1991; Curtin, 1999, citados em Berkowitz, 2009).

Para agentes públicos e representantes de empresas, a busca é por manter uma opinião pública positiva. Desta forma percebemos que o poder de uma fonte está em sua capacidade de manter uma voz ativa na agenda de notícias. Se neste processo a fonte tiver o poder de não apenas ter uma voz na agenda de notícias, mas de influenciar a forma de um assunto que está em pauta, é uma posição ainda mais poderosa (Berkowitz, 2009).

As fontes têm em mãos o poder da informação e estão constantemente a tentar passar as mensagens que desejam. Enquanto isso, os jornalistas ditam esse enquadro das informações, controlam a extensão da visibilidade desejada pelas fontes, assim como podem decidir por linhas editoriais diversas a depender de determinados enquadramentos (Sigal, 1973; McManus, 1994; Allern, 1997 citado em Strömbäck & Nord, 2006). Em contrapartida, estes jornalistas dependem da informação que está em poder das fontes de informação, o que de pronto equaliza essa "gangorra" que, como vimos anteriormente, é efêmera e dinâmica, dependente de contextos sócio-políticos em constante transformação.

Ultimamente, entretanto, percebe-se que o tradicional antagonismo entre fontes e jornalistas dá lugar a uma relação de "negociação". O que tradicionalmente era visto como um constante conflito teve de ser reformulado porque os jornalistas estão a trabalhar em redações com cada vez menos recursos e equipes diminutas (Lewis, Williams, & Franklin, 2008). Hoje, jornalistas e fontes acabam por trabalhar de forma complementar e com certa convivência, visto que os dois lados têm interesses e necessidades que serão mais facilmente alcançadas se houver cooperação (Blumler e Gurevitch, 1981, citados em Lewis et al., 2008). São transformações que afetam a própria independência do jornalista, exercendo uma força efetiva que influencia a gangorra aqui discutida a favor das fontes.

Esta dinâmica relaciona-se de forma muito importante com o já mencionado *agenda-building*, conceito também explorado por Berkowitz (1987) e que, apesar de não ser um fenômeno novo no jornalismo, tornou-se ainda mais proeminente devido a tendência de assessorias de imprensa e

profissionais de relações públicas utilizarem-no como uma potente ferramenta de marketing e propaganda institucional.

Neste processo inclui-se, é claro, a filtragem e lapidação de informações transmitidas aos jornalistas. Berkowitz (2009) destaca que a capacidade de influenciar se uma questão chegará à agenda de notícias e ganhará discussão pública é muito poderosa: "manter algo longe dos olhos do público equivale à capacidade de tomar decisões que impactam a sociedade sem a necessidade de obter consentimento público" (p. 106). Percebe-se, portanto, que as estratégias para obter vantagem no fluxo de notícias estão cada vez mais complexas e sofisticadas, em constante transformação (Broersma et al., 2013).

Jornalistas e instituições de comunicação ficam em posição de sentinela, alertas para reconhecer os materiais aproveitáveis e, ao mesmo tempo, prontos para bloquear o que não é do interesse institucional ou da comunidade. Agem, portanto, como "*gatekeepers*", ou guardiões, da informação. *Gatekeeping* é o processamento de informações brutas em notícias, através da seleção, escrita, editoração, posicionamento etc (Shoemaker, Vos, & Reese, 2009). Embora nas ciências sociais a teoria do *gatekeeping* date de muito antes, foi apenas a partir da década de 1950 que este conceito passou a ser estudado num contexto jornalístico.

De forma subjetiva, o *gatekeeper*, que pode ser o editor ou o próprio jornalista, "cuida (mesmo que nunca esteja consciente disso) o que a comunidade deve ouvir de fato, apenas aqueles eventos que o jornalista, como representante de sua cultura, acredita serem verdadeiros" (White, 1950, citado em Shoemaker et al., 2009, p.76).

Mas não se trata de um simples processo de escolha de informação. Donahue, Tichenor e Olie, (1972, citado em Shoemaker et al., 2009) enfatizam que:

O *gatekeeping* é um processo complexo que envolve decisões sobre a quantidade de tempo e espaço alocado para um evento de notícias dentro de um publicação ou programa de notícias, o uso de gráficos e o número de histórias sobre o evento em um dia ou entre dias, e se a história retorna em um padrão cíclico. (p.75)

Além disso, conteúdos noticiosos são, muitas vezes, mediados pelas agências de notícias, por rotinas jornalísticas e/ou convenções que filtram muitas das predileções pessoais de jornalistas individuais (Sigal, 1986). Berkowitz (2009) destaca três aspectos importantes que influenciam o poder dos jornalistas nessa equação:

O primeiro é a experiência, visto que um repórter com longevidade na profissão ganha status com o passar dos anos. No entanto, longevidade por si só não significa poder. Por exemplo, um longo repórter da sociedade teria pouco poder em relação às fontes de notícias nacionais, estaduais ou mesmo locais. Um segundo fator que molda o poder de um repórter, então, é seu histórico de escrita de histórias de impacto, um impacto conhecido pelas fontes de notícias que o repórter encontra no trabalho. O terceiro fator é o poder intraorganizacional: se um repórter tem mais autonomia dentro de uma organização, então, a pressão sobre o prazo pode ser reduzida e haverá mais oportunidade de desenvolver uma história. (p.105)

Desta forma, é pertinente questionar se em cenários que levam em conta qualquer um destes três aspectos os jornalistas jovens, que acabam de entrar no mercado de trabalho e que contam com pouca ou nenhuma experiência neste ramo, detêm pouco ou nenhum poder perante fontes de informação experientes, o que eventualmente pode ter influência em seus trabalhos.

Embora esta não seja uma designação absoluta, outro fator a influenciar o poder de um jornalista é a organização para a qual trabalha. Como exemplo, podemos citar que organizações de notícias com um escopo nacional ou internacional geralmente detêm maior poder e credibilidade quando enfrentam fontes de informação. Por outro lado, é possível que num contexto regional a mídia local possa vir a ter mais influência em um determinado problema ou evento (Berkowitz, 2009).

Desta forma, para fins de exemplo específico deste trabalho, e levando em consideração as palavras de Berkowitz (2009), podemos imaginar que em cenários mais abrangente e com maior escopo, um jovem jornalista, pouco experiente e a trabalhar para uma rádio universitária com relevância regional, detenha ainda menos poder, o que pode influenciar consideravelmente a balança de poder na relação com determinadas fontes mais poderosas.

Reese (1991) sugere que os níveis perceptíveis de poder que tanto jornalistas como fontes trazem para uma interação específica têm um impacto contundente no resultado das notícias. Fontes localizadas dentro de uma estrutura de poder, que têm autoridade de conhecimento e autonomia para falar sobre esse conhecimento, tendem a ser mais poderosas (Ericson, 1999, citado em Berkowitz, 2009). Nestes casos, a coleta de informações dos repórteres pode ser frustrada por essa hierarquia.

A participação num campo profissional é condicionada aos ativos materiais ou intelectuais que um determinado ator tem para oferecer, que pode ser conhecimento teórico ou prático, conexões com outros membros da área e reconhecimento social (Nölleke, Maares, & Hanusch, 2020). Mas os ativos e

as moedas sociais, políticas e econômicas que um jovem jornalista tem a oferecer ao entrar no meio podem ser insuficientes para equalizar seu relacionamento com uma fonte de informação.

Por outro lado, repórteres com alto nível de poder têm a capacidade de reunir mais informações e de mais fontes (Reese, 1991). Esse equilíbrio (ou desequilíbrio) molda a natureza desse relacionamento: se os níveis de poder entre as partes são mais próximos, as interações são mais simbióticas e cooperativas, se uma das partes tem vantagem clara, a relação pode ser mais adversária (Berkowitz, 2009).

Repórteres especializados em assuntos políticos, por exemplo, costumam investir uma energia considerável em cultivar relacionamentos com suas fontes. A construção de níveis de confiança e de um fluxo constante de informações leva até mesmo a priorizarem estas relações ao custo dos interesses públicos: "Os jornalistas também falam sobre 'proteger as fontes' no processo de decisão noticioso, que envolve a ponderação da publicação de uma história, informação ou citação em relação às implicações de prejudicar um relacionamento" (Revers, 2014, p. 47).

Em contrapartida, esta dinâmica não costuma evoluir para uma relação de amizade, pois há sempre uma tensão de aproximação e distanciamento enquanto administram os limites destes relacionamentos: ao mesmo tempo que precisam cultivar esta ligação, a qualquer momento podem arruinar o dia de sua fonte (Revers, 2014).

Se, por um lado, percebemos a profissionalização das fontes de informação que agem continuamente com o intuito de disseminar os conteúdos que mais lhes interessam, por outro os veículos noticiosos são constantemente chamados, como destacado anteriormente, de "*gatekeepers*". Michael Schudson (1989), em seu artigo sobre a sociologia da produção noticiosa, destaca três perspectivas de abordagens que podem ser associadas à influência no processo de *gatekeeping*.

A primeira perspectiva apontada por Schudson (1989) é a de economia política, que relaciona o processo noticioso com a estrutura econômica do próprio veículo de comunicação; a segunda é uma perspectiva sociológica, que tenta entender o problema pelo olhar da própria autonomia e poder de decisão do jornalista perante os constrangimentos que este pode enfrentar no processo; e a terceira perspectiva é cultural (ou antropológica), que dá ênfase à força constrangedora da própria simbologia cultural, independentemente dos detalhes organizacionais e rotinas do jornalista.

Assim como Schudson, Warren Breed (1955, citado em Shoemaker et al., 2009), em sua pesquisa sobre controle social nas redações, também levantou a ideia da influência da instituição no *gatekeeping* e enquadramento. Para ele, são editores de jornais os maiores "porteiros" de fato, que operam por meios indiretos para garantir que apenas as notícias consistentes com a política

organizacional sejam publicadas. O autor concluiu que "o porteiro mais importante pode não ser aquele que está mais imediatamente envolvido na seleção, mas pode residir em outro lugar dentro de níveis mais influentes da organização" (Breed, 1955, citado em Shoemaker et al., 2009, p.76).

Todavia, a construção da notícia não está apenas no jornalista, no editor ou na cultura da instituição, mas em todo o processo pelo qual as partes, rotinas e arranjos organizacionais são envolvidos para a criação da história. Trata-se de um mecanismo que envolve todas as partes. Isso, de certa forma, ajuda a desviar a culpa dos jornalistas individualmente por eventuais distorções no enquadramento (Gans, 2004).

Ao mudarmos o foco para o espectro das relações entre jornalistas e entidades políticas nos Estados Unidos, por exemplo, percebe-se que, quando estes políticos consideram que estão sendo tratados de forma injusta, muitas vezes ameaçam os jornalistas de reclamar com seus superiores, projetando nas organizações e editores uma representação física dos limites profissionais. Entretanto, é comum que os editores deem suporte aos jornalistas em todos os casos que não sejam erros factuais, o que põe em xeque esta estratégia de intimidação (Revers, 2014).

Essa constante intimidação, mesmo quando não há resultados imediatos, levanta a hipótese de estes serem atos para desmoralizar os repórteres na esperança que estes ajam diferente no futuro, especialmente os mais jovens e inexperientes: "Ter que se justificar repetidamente na frente de seus superiores pode sobrecarregá-los, especialmente os jovens repórteres, que também parecem ser confrontados com ameaças com mais frequência do que seus colegas-concorrentes mais experientes" (Revers, 2014, p. 45). Um profissional com uma bagagem de anos no ofício jornalístico pode já conhecer tanto os constrangimentos inerentes à profissão, como também as pressões internas e externas, tendo mais segurança em suas decisões.

Herbert Gans (2004), entretanto, enxerga que casos de intimidação são mais raros. O autor destaca que o acesso das fontes aos jornalistas é como uma hierarquia: enquanto o Presidente da República tem acesso instantâneo a todos veículos de mídia, os que não tem poder precisam buscar o acesso de outra forma. Entretanto, mesmo quando a fonte detém o poder, é raro que esta use sua vantagem para intimidar e fazer sua informação entrar forçadamente na lista de histórias da publicação. Para o autor, o que fazem é "usar seu poder para criar notícias adequadas", o que sugere uma influência no enquadramento.

A questão desta pesquisa é, justamente, entender se este mesmo processo pode ter efeito contrário em um jornalista com pouca experiência, notadamente aqueles que estão a começar na

profissão, comprometendo a sua autonomia como profissional e diminuindo seu poder de decisão perante outros atores neste processo, como as fontes de informação aqui discutidas.

1.4. Iniciativa, constrangimentos e necessidades na busca por histórias

Desta forma, a despeito de qual perspectiva influencia o poder de decisão na hora de publicar, ou não, uma notícia, há também aí uma força contrária invisível que ajuda a equalizar a batalha que é tópico deste trabalho. Percebemos que o jogo de poder, o "tango", está sempre presente, numa gangorra em constante movimento. Até mesmo dentro de um mesmo processo de reportagem o controle pode flutuar entre a fonte, que toma a iniciativa no princípio, e o jornalista, nos passos seguintes (Reich, 2006).

Uma grande proporção das notícias tem origem de esforços iniciados pelas fontes de informação. E fontes que "podem fornecer aos repórteres notícias reunidas de forma fácil têm uma chance ainda maior de fazer sua voz ser ouvida" (Curtin, 1999; Gandy, 1982; Turk, 1985, citados em Berkowitz, 2009). Essa iniciativa muitas vezes parte de fontes experientes, que entendem as necessidades e limitações dos jornalistas, e que podem fornecer informações regularmente; paradoxalmente, muitas dessas informações entregues por iniciativa das fontes tendem a não ganhar espaço na pauta jornalística (Berkowitz, 2009).

Sobre esta iniciativa do processo noticioso, um estudo sobre as tendências deste tema percebeu que os jornalistas mais proativos são os repórteres mais focados em "beats", mais especializados, porque cobrem histórias que não são completamente novas, mas sim novos ângulos ou desenvolvimentos (Reich, 2006). Já pela perspectiva das fontes, o sucesso no acesso aos jornalistas é determinado por pelo menos quatro fatores fundamentais: incentivos; poder; a capacidade de fornecer informações adequadas; e proximidade geográfica e social com os jornalistas (Gans, 2004).

Este mesmo estudo sobre essas tendências também percebeu que na fase de "descobrimento" (*Discovery Phase*), que é quando repórteres descobrem sobre a existência de uma notícia em potencial, são as fontes que iniciam a maioria dos contatos. Já na fase de "coleta" (*Gathering Phase*), quando os repórteres obtêm as informações a respeito da notícia em potencial, são eles quem iniciam os contatos na maioria das vezes (Reich, 2006). Posteriormente, o autor complementou:

As relações entre as partes são de fato recíprocas, mas estão inseridas em um processo de duas fases de iniciativa relativamente unilaterais. Essa perspectiva torna os passos de ambos os dançarinos um pouco mais previsíveis: ao contrário da clássica metáfora do tango, as fontes não conduzem a dança por todo o caminho, mas elas controlam "mais frequentemente do que não" o convite inicial para dançar

com eles; depois de iniciada a dança, são os repórteres que assumem o comando e convidam outros dançarinos a acompanhá-los. (p. 509)

Como o objeto foco deste estudo são os jornalistas iniciantes, esta é, provavelmente, a dinâmica mais habitual. Não há um foco específico em algum "beat", os jornalistas em princípio de carreira acabam por cobrir notícias genéricas dos mais variados temas, em geral com pouco tempo e espaço escasso nas publicações, e por isso dependem também de alguma iniciativa das fontes, através dos *press releases* ou contatos diretos.

Notícias baseadas em PR (*press releases*) de Relações Públicas são cada vez mais comuns e onipresentes nos jornais impressos e noticiários da televisão e rádio. Cada vez mais profissionais e a buscar entender como os jornalistas pensam e as condições em que trabalham, estas agências e departamentos estão a melhorar e sofisticar suas abordagens para com o meio (Lewis et al., 2008). Em pesquisa realizada no Reino Unido constatou-se que cerca de 41% das matérias da imprensa e 53% das matérias da TV ou rádio possuem traços de material de PR. Destas, 10% tanto da imprensa quanto de antena são matérias completamente baseadas em PR. Nestes casos, o PR está "a desempenhar um papel de agenda-setting" (Lewis et al., 2008, p. 7), mais uma vez a influenciar de forma decisiva o trabalho do jornalista, diminuindo seu poder e independência.

E quando falamos de notícias baseadas em informações fornecidas por agências de notícias, esse número é ainda maior: quase metade de todas as notícias da imprensa continha traços de informações de agências de notícias. Além disso, nestes casos é raro que se atribua créditos: "muitas histórias aparentemente escritas por um repórter de um jornal tiveram origem em outras fontes e parecem ter sido amplamente cortadas e coladas" (Lewis et al., 2008, p. 5). São dados que escancaram a necessidade dos veículos jornalísticos e seus profissionais de reciclarem materiais provindos de outras fontes.

No entanto, seria injusto culpar jornalistas por confiar em informações pré-embaladas. É evidente que a maioria dos jornalistas opera sob restrições econômicas, institucionais e organizacionais que os obrigam a redigir e processar histórias para publicação demais para serem capazes de operar com a liberdade e independência necessárias para trabalhar de forma eficaz. (Lewis et al., 2008, p. 18)

Além disso, os repórteres generalistas citados anteriormente, também a lidar com *deadlines* e poucos recursos, são relutantes em contactar fontes que não sejam familiares ou oficiais, pois não têm tempo para desenvolver relacionamento com fontes que não conhecem ou seguir rotinas nas quais estranhos se tornam informantes. Falar com fontes não confiáveis abre precedentes para informações

que não podem ser acessadas ou não são confiáveis. Dessa forma, jornalistas se veem limitados aos recursos que têm para não serem sobrecarregados com mais informações do que conseguem processar em pouco tempo e com pouco espaço para publicação (Gans, 2004).

Desta forma, acabam por recorrer aos meios citados anteriormente, como *press releases* e fontes oficiais. O problema é que jornalistas generalistas, e em especial os menos experientes, não são tratados da mesma maneira que jornalistas especializados. Sem a relação prévia com as fontes, como é recorrente para repórteres que cobrem *beats*, os generalistas costumam ir aos mesmos tipos de fontes e são gerenciados por elas como resultado de sua própria transitoriedade e falta de conhecimento específico (Gans, 2004). São jornalistas que ficam, portanto, em situações ainda mais delicadas e impotentes.

Os repórteres estão constantemente a lidar com constrangimentos como prazos apertados e linhas editoriais específicas. É normal que, para gerenciar essas limitações organizacionais, criem rotinas, atalhos, para suas tarefas (Ericson, 1999, citado em Berkowitz, 2009). Embora para executar um bom trabalho precisem entrar em contato com diversas fontes, não é sempre que estas estão disponíveis instantaneamente, e esse processo demanda tempo e diminui os prazos (Berkowitz, 2009). As rotinas, portanto, otimizam o trabalho do jornalista, assim como fontes recorrentes e de confiança.

Quando a iniciativa é feita e o contato é efetivado entre fontes e jornalistas, há sempre o limite de tempo. Para aproveitar esse contato, repórteres procuram obter o máximo de informações possíveis, levando as entrevistas por caminhos nem sempre bem vistos pelas fontes (Awad, 2006, citado em Berkowitz, 2009). As fontes, por sua vez, esforçam-se para manter essa coleta alinhada com o que elas mesmas estão dispostas a compartilhar, geralmente informações que podem promover sua própria causa ou, em outros casos, causar danos a oponentes (Gans, 2004).

Mas, como discutido anteriormente, os repórteres nem sempre lideram essa conversa: "fontes muitas vezes tentam de forma proativa influenciar o que se torna notícia por meio de comunicados à imprensa, notícias conferências, eventos planejados e vazamentos que podem iniciar o processo de relatório" (Berkowitz, 2009, p. 104).

É natural, portanto, que haja uma expectativa, por parte das fontes, em algum determinado enquadro de mídia. Há sempre uma busca por espaço nas publicações, afinal, segundo a hipótese do agendamento, o simples fato de uma notícia ser vinculada com destaque nos meios de comunicação de massa já a torna importante e relevante para o público que a consome. Ou seja, a veiculação de uma notícia, independente do veículo de comunicação, força a atenção do público para aquele determinado problema (Mccombs & Shaw, 1972).

1.5. A condição atual da profissão para os jovens jornalistas

O Jornalismo e seus agentes encontram-se em crise, e não é somente financeira. Pacheco e Rebelo (2014) destacam que as novas tecnologias, as limitações de tempo, os conflitos entre a ética e a abordagem comercial e a insegurança na profissão são alguns dos desafios que todo jornalista deve enfrentar atualmente. À luz do tema principal deste trabalho, são os que estão a pouco tempo na profissão os mais vulneráveis e menos protegidos perante estes desafios.

Há muitos profissionais a aguardar por poucas vagas no setor, além de uma contínua rotação em vagas de estágio nas empresas de mídia, sem efetivação. Aos já empregados, há a sombra das horas extras não remuneradas e dos trabalhos em meios de comunicação sem o devido preparo prévio. E há uma forte resistência por parte das empresas de mídia aos treinamentos, que consideram ser uma prática que não oferece retorno imediato e gasta tempo que o profissional poderia estar a exercer tarefas rotineiras (Correia, 2006, citado em Pacheco & Rebelo, 2014).

É bem verdade que a insegurança no trabalho não é uma exclusividade do meio jornalístico, em especial em tempos de recessão. Com o Jornalismo já em crise, estes cenários atenuam um problema sempre presente. Um estudo realizado em 2010 mostrou que Portugal foi o terceiro país com maior índice de insegurança no trabalho na União Europeia (Pacheco & Rebelo, 2014). E em meio a demissões e condições de trabalho pouco favoráveis, são os jovens e os que procuram emprego os mais afetados, os "elos mais frágeis da cadeia produtiva" (Fidalgo, 2002, citado em Pacheco & Rebelo, 2014, p.83).

Apesar de estarem no elo mais frágil desta equação, mais vulneráveis as más condições de trabalho (ou a falta dele), os jornalistas mais jovens demonstram resistência em ingressarem nos sindicatos da categoria. Fenômeno este que pode ser explicado pela falta de identificação com as causas levantadas pelos sindicatos ou mesmo pela "prevalência de competição desenfreada na profissão, o que leva a uma cultura mais individualista" (Pacheco & Rebelo, 2014, p.86)

Mesmo com salários baixos, *stress*, horas extras não remuneradas e tantos outros fatores negativos a pesar sobre suas carreiras e vidas particulares, muitos jornalistas ainda chamam este ofício de "trabalho dos sonhos", por sua diversidade e respeito do público (Hummel, Kirchhoff & Prandner, 2012, citados em Nölleke et al., 2020).

Este cenário, entretanto, pode estar a mudar. Atualmente o profissional do jornalismo precisa conviver com uma pressão constante e com sua carreira em risco em face a uma crise. Ademais, também a sua reputação profissional está a mudar. Os jornalistas estão a lidar com uma hostilidade crescente por parte do público, visto que percebe-se que há uma queda na confiança das pessoas na mídia de notícias de forma geral (Nölleke et al., 2020). O que antes era uma profissão prestigiada, pode

se tornar uma vergonha, e "um jornalista inseguro vivencia a dor de ser desvalorizado socialmente, o que prejudica sua autoestima" (Accardo, 1998, citado em Pacheco & Rebelo, 2014, p.91)

Como é possível constatar em um relatório elaborado em pela associação portuguesa Obercom sobre as condições laborais da profissão de jornalista em Portugal (Crespo, Azevedo, Sousa, Cardoso, & Paisana, 2017), assim como em uma reportagem que mostra que a disputa está cada vez mais acirrada até mesmo por estágios não remunerados (Perlin, 2011), há uma queda brusca na valorização do jornalista e, conseqüentemente, em sua própria autoestima, o que pode afetar a qualidade de seu trabalho.

Segundo o relatório da Obercom (Crespo et al., 2017), a maioria dos profissionais do sector está insatisfeito com sua profissão em aspetos significativos como salário, progressão na carreira, estabilidade laboral e evolução das condições de trabalho no setor nos últimos 5 anos. Em contrapartida, o mesmo relatório revela que a maioria dos jornalistas profissionais se considera autônomo com relação ao seu ofício, sendo uma minoria os que consideram que pressões de fontes, poderes políticos e outros fatores influenciam o produto de seu trabalho.

É importante ressaltar, entretanto, que estes dados apresentam uma estimativa para toda a classe jornalística. Esta autonomia no trabalho pode não refletir a perspectiva de um determinado grupo ou minoria. Como vimos anteriormente, os jovens jornalistas são os mais vulneráveis em relação aos seus trabalhos e costumam experimentar ainda mais limites em suas autonomias. São eles, também, os mais propensos a sofrer um esgotamento por conta das pressões no ambiente de trabalho (Reinardy, 2011, citado em Nölleke et al., 2020).

São fatores que podem levar experientes e novatos à insatisfação e desapontamento com suas profissões e, conseqüentemente, a questionarem a dedicação para com a indústria. Entretanto, estudos revelam que são os jovens jornalistas os mais propensos a considerar a hipótese de abandonar a carreira jornalística por completo ao invés de continuarem a trabalhar em condições precárias (Gollmitzer, 2013, citado em Nölleke et al., 2020).

Por outro lado, em meio a este momento de mudança em que se encontra a profissão, com redações a diminuir e as exigências a aumentar, os estagiários são cada vez mais necessários para o bom-funcionamento dos veículos noticiosos. Mas apesar da abundância de oportunidades, não há garantias. Os jovens que ingressam neste meio já iniciam suas jornadas sob pressão, mesmo que a valorização financeira não acompanhe esta lógica. Ainda referente ao relatório realizado pela Obercom, o documento constatou que aproximadamente dois terços (69,2%) dos jornalistas entrevistados referem ter feito pelo menos um estágio, 30,4% mencionaram que o estágio teve um período superior a dez

meses e a maioria (59,2%) disse não ter sido avaliado por um orientador ou editor neste período (Crespo et al., 2017).

Embora ainda haja abertura e oportunidades para jovens em posições de estágio, treinamentos não são bem vistos por editores e chefes de organizações de mídia (Pacheco & Rebelo, 2014). Com as novas tecnologias tornando-se cada vez mais dominantes nas redações, tanto organizações antigas como novas *startups* esperam por proficiência com ferramentas digitais, mesmo que essas já não sejam mais suficientes para que um funcionário se destaque (Usher, 2016, citado em Broersma & Singer, 2020).

A crise no setor, entretanto, tem acelerado o processo de mudanças e de aproximação entre o jornalismo e o lado comercial, em especial em novos formatos de mídia como *startups* e *blogs* independentes. Isso está a quebrar o "muro" entre estes dois departamentos, um dos pilares que garante a autonomia jornalística dos profissionais (Broersma & Singer, 2020). É uma mudança polêmica, mas vista com bons olhos por aqueles que acreditam ser uma esperança para o seguimento do ofício.

Esta maior flexibilidade para mudanças na indústria tem aberto portas para que jovens jornalistas sejam agentes de mudança dentro das redações, mais conectados às novas tendências e familiarizados com as novas tecnologias. Para Bourdieu (1993, citado em Broersma & Singer, 2020), "novos ingressantes em um campo podem garantir sua posição desafiando o *status quo*, introduzindo novas ideias e práticas heterodoxas" (p.4).

Um estudo realizado no estado americano do Arizona concluiu que, apesar dos efeitos dos desafios que a indústria jornalística vem enfrentando nas últimas décadas – com mais competição por vagas, salários mais baixos e chances menores de trabalhar com jornalistas experientes –, há também efeitos positivos para os estagiários, como o fato de terem se tornado mais necessários e parte do processo colaborativo, numa troca onde apresentam novas habilidades a seus mentores enquanto absorvem deles conhecimentos mais tradicionais (Thornton, 2011).

Broesma e Singer (2020) resumem a nova situação dos jovens jornalistas no mercado de trabalho:

Hoje, os jovens profissionais são contratados apenas em parte devido à capacidade de contribuir com os processos editoriais existentes; eles também, mesmo principalmente, são trazidos a bordo na esperança de que tragam novas ideias para a mesa. O pressuposto é que eles estão sintonizados com o uso das notícias de sua geração e têm novos conhecimentos e percepções para promover iniciativas jornalísticas que atrairão um público mais jovem e tornarão a empresa mais economicamente sustentável. (p.1)

Além disso, a transformação digital proporciona novas alternativas e rotas para o sucesso no meio jornalístico. Entre estas estão as já mencionadas *startups* de notícias, que exigem uma nova maneira de ver a profissão, com um foco maior no empreendedorismo e o olhar voltado para o outro

lado do "muro", no setor comercial. Esta tendência já parece estar a chegar nas instituições de ensino, com a introdução de aulas sobre empreendedorismo, inovação e ferramentas digitais nos currículos básicos (Creech e Mendelson, 2015, citados em Broersma & Singer, 2020).

Ainda que haja resistência, muitos estudiosos enxergam o crescimento do jornalismo empresarial de forma positiva, especialmente pelo potencial para gerar inovação (Broersma & Singer, 2020). Resta saber se essas mudanças serão fomentadoras de uma reconquista, por parte do profissional do jornalismo, da sua autoestima, independência e autonomia no relacionamento com suas fontes de informação.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

1. Questões e metodologia

É este, portanto, o período profissional analisado: o início da carreira laboral do jornalista, em especial seu primeiro ano na profissão, o primeiro contacto com a reportagem e jornalismo. Os jornalistas participantes não necessariamente estão a realizar seus estágios profissionais, mas foram questionados a respeito de seu período inicial na profissão ou de estágio nas respectivas instituições.

Neste sentido, o presente estudo busca compreender a percepção destes jornalistas no que tange a relação com suas fontes de informação quando no início de suas jornadas. As perguntas apresentadas aos participantes foram elaboradas com o intuito de perceber se, na percepção destes profissionais, a relação prévia com as fontes, a profissionalização das fontes, pressões externas ou mesmo a inexperiência na profissão, influenciaram seus trabalhos de alguma forma, em especial nos conceitos aqui apresentados previamente.

O objetivo primário desta pesquisa é compreender e descrever os desafios e constrangimentos que este relacionamento inevitável impõe a jornalistas iniciantes, questionando as influências e suas relações com as fontes de informação. A investigação procurou, ainda, fazer um estudo comparativo entre a experiência dos profissionais de Portugal, notadamente da Rádio Universitária do Minho, e a de jovens jornalistas do Brasil, analisando a dinâmica jornalista-fonte nos contextos do Jornalismo das duas nacionalidades.

Para atingir este objetivo, foi aplicado um inquérito (Anexo 2), utilizando a escala Likert com diversos jornalistas, residentes e atuantes no Brasil ou em Portugal, com a exceção de um participante de outro país — incluindo os profissionais da Rádio Universitária do Minho —, para fins de cruzamento de dados e comparação. Pelo caráter interpretativo de busca por compreensão e significado ao penetrar o mundo pessoal dos sujeitos participantes, este é, portanto, um estudo descritivo e comparativo, na utilização de um inquérito, de metodologia eminentemente quantitativa e também a análise de uma questão aberta configurando um método de natureza qualitativa (Coutinho, 2014).

A amostra deste estudo foi constituída por 19 jornalistas que já atuaram ou ainda atuam na profissão, residentes no Brasil e em Portugal. Foram encaminhados um total de 85 convites para a participação na presente investigação, dos quais cinco foram de forma direta através dos e-mails dos jornalistas da Rádio Universitária do Minho; 21 foram através de mensagens diretas para jornalistas residentes no Brasil e em Portugal; e 59 convites foram feitos através de uma mensagem em um grupo

fechado com jornalistas estudantes de Mestrado na Universidade do Minho. Apesar dos apelos e do reenvio dos convites para todos, infelizmente não foi possível aumentar a taxa de respostas, sendo que destes 85 convites enviados, houve um retorno de apenas 19 questionários preenchidos, todos concordantes da participação e a atingir os critérios de inclusão.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Apresentação dos resultados referentes à análise descritiva quantitativa

1.1. Caracterização da amostra

A maioria dos respondentes foram homens, n=11, seguido por sete mulheres, como é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1
Sexo dos Respondentes

Sexo	Frequência
Homem	11
Mulher	8
Total	19

Dos 19 participantes, sete têm idades entre 20 e 29 anos, oito têm idades entre 30 e 39 anos e quatro têm 40 anos ou mais anos, como pode-se perceber no Quadro 2.

Quadro 2.
Faixa Etária

Faixa etária	Frequência
20 - 29 anos	7
30 - 39 anos	8
40 ou mais anos	4
Total	19

Com relação ao tempo de atuação dos profissionais participantes na investigação, a maioria atua há 5 ou mais anos na profissão (n=10), seguido de pessoas que atuam entre 1 e 5 anos (n=7). Mais detalhes no Quadro 3.

Quadro 3
Tempo de Atuação

Tempo de atuação	Frequência
Menos de 6 meses	1
Entre 6 meses e 1 ano	1
Entre 1 e 5 anos	7
Mais de 5 anos	10
Total	19

Nomeadamente quanto à área de atuação, foi disponibilizada a opção de múltipla escolha, sendo que quatro dos 19 jornalistas declararam ter trabalhado em mais de um local no primeiro ano na profissão. O Jornal online/impreso contabilizou 8 dos participantes, Rádio contabilizou 6, Televisão 5 e outra 6 participantes, como demonstrado no Figura 1.

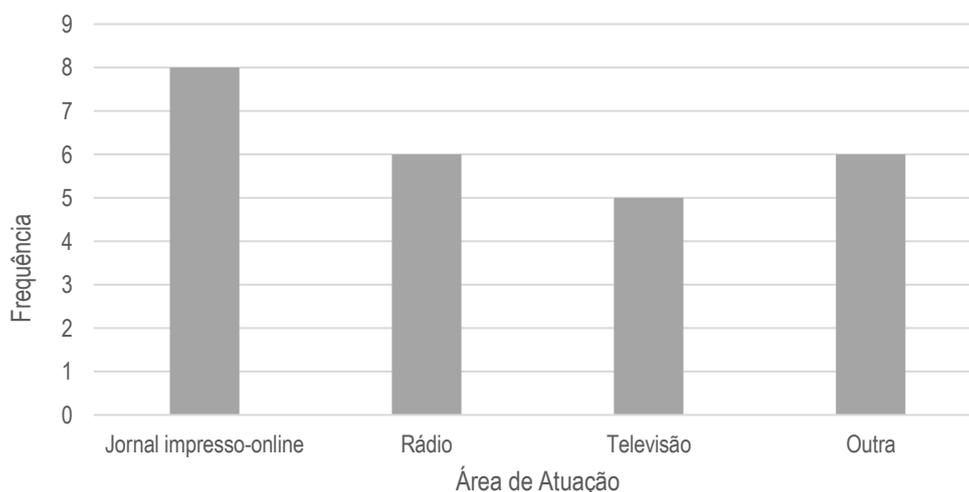


Figura 1. Frequência da área de atuação profissional

Por fim, referente ao país natal dos participantes, foram doze brasileiros, 6 portugueses e uma pessoa de outro país, como demonstrado no Quadro 4.

Quadro 4.
País dos Respondentes

País	Frequência
Portugal	6
Brasil	12
Outro	1
Total	19

1.2. Análise descritiva do inquérito sobre o início da carreira

Partimos, portanto, para a análise do inquérito referente ao início da carreira (1º ano de atuação profissional) dos jornalistas participantes, no qual foram apresentadas diversas afirmações sobre as experiências profissionais e uma escala de frequência de 1 a 5, onde 1 é nunca e 5 é sempre. Para um melhor entendimento nesta análise, os dados estão separados em duas subsecções: influência do(a) editor(a) e influência das fontes de informação.

Sobre as influências do(a) editor(a)

As primeiras três afirmações do inquérito dizem respeito nomeadamente à influência dos(as) editores(as) no trabalho dos jovens jornalistas. Na primeira afirmação, que afirma "Eu já fui influenciado(a) pelo(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho", nove participantes, a maioria, selecionaram a opção Às vezes, como pode ser visto na Figura 2.

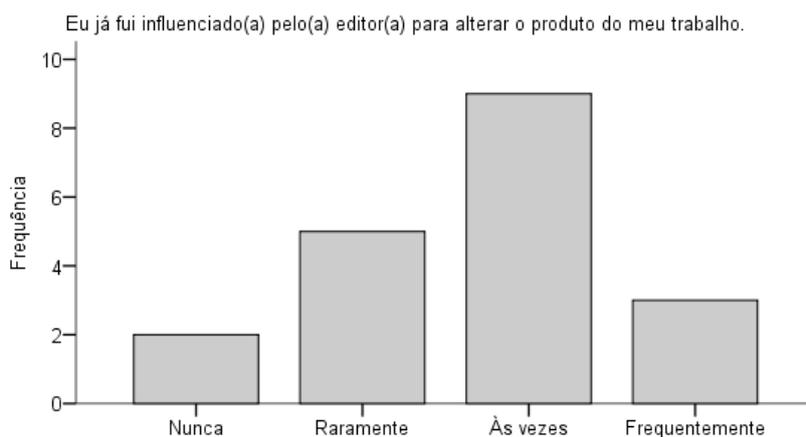


Figura 2. Respostas da afirmação 1

Na segunda afirmação, "Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica do(a) editor(a)", a maioria dos participantes, seis, escolheu a opção Raramente, seguida por Nunca (n=5) e Frequentemente (n=5), como demonstrado na Figura 3.

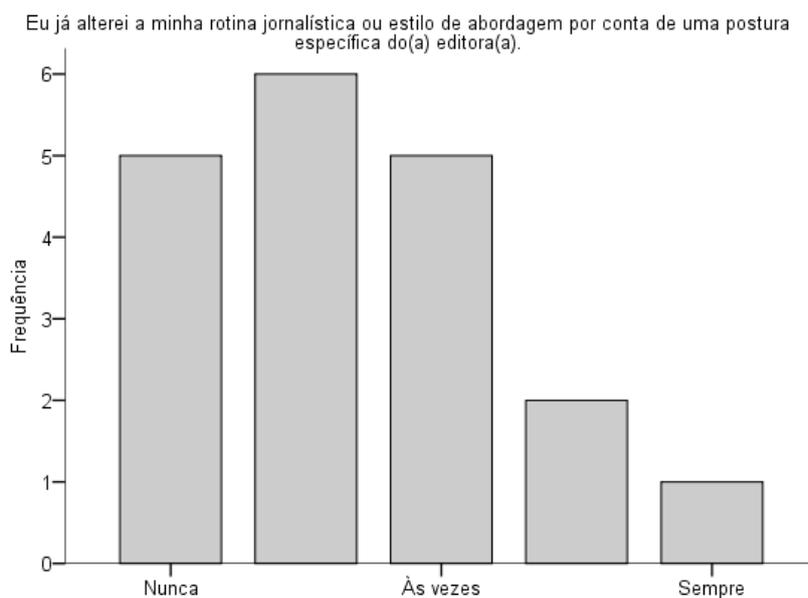


Figura 3. Respostas da afirmação 2

Na terceira afirmação, "Eu já me senti intimidado por um(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho", as opções Nunca (n=7) e Raramente (n=7) foram maioria, como visto na Figura 4.

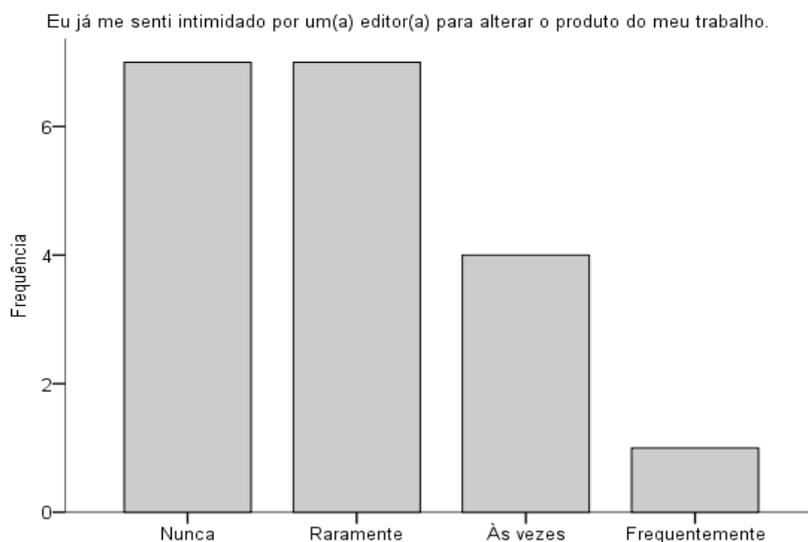


Figura 4. Respostas da afirmação 3

As próximas afirmações são relativas a ter ou não presenciado algum tipo de influência acontecer com um colega de trabalho. Assim, a quarta afirmação, "Eu já presenciei algum tipo de influência

provinda do(a) editor(a) acontecer com meu colega, também iniciante na profissão", como demonstrado na Figura 5, teve como respostas majoritárias Nunca (n=5) e Raramente (n=5).

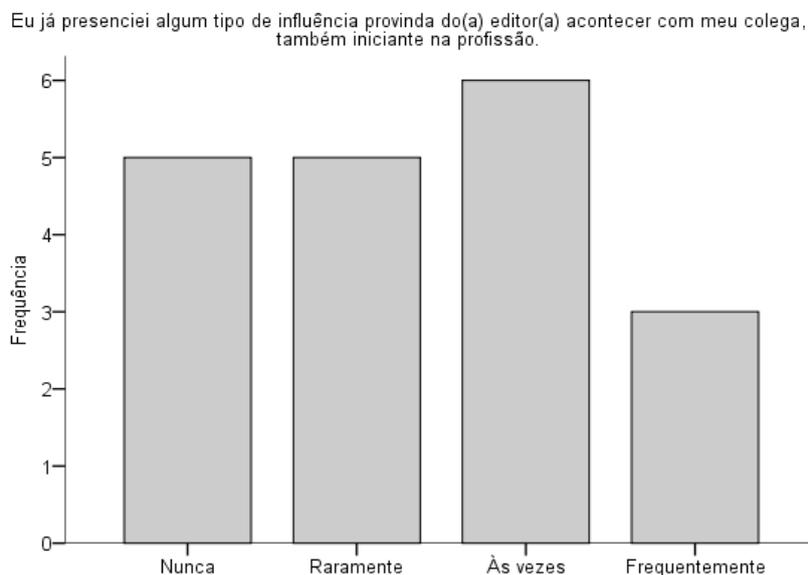


Figura 5. Respostas da afirmação 4

Por fim, a quinta afirmação, "Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência do(a) editor(a)", onze participantes selecionaram a opção Às vezes, com demonstrado na Figura 6.

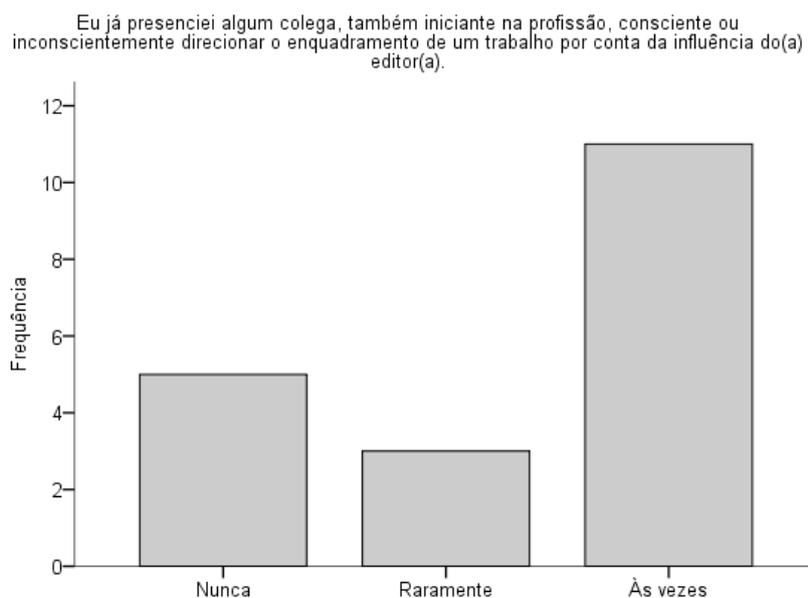


Figura 6. Respostas da afirmação 5

Os dados sugerem que influências ou alterações de rotinas por influência dos editores, embora não tão frequentes, são comuns ao início da carreira jornalística, ao passo que Intimidação por parte dos mesmos superiores é vista como uma atividade rara ou inexistente para a maioria dos participantes. É importante ressaltar que foi pedido aos jornalistas participantes que percebessem as afirmações no contexto do seu primeiro ano de profissão. Assim este é um período que, possivelmente, vai ao encontro dos dados sugeridos pelo relatório da Obercom realizada em 2017, na qual foi apontado que dois terços (69,2%) dos jornalistas entrevistados realizaram pelo menos um estágio ao início da carreira (Crespo et al., 2017). Desta forma, mesmo que a pesquisa aponte para dados apenas de Portugal, esta é, possivelmente, uma realidade também presente em outros países.

Trata-se, portanto, de um período que envolve estágio ou treinamento do jovem profissional, o que implica em menor autonomia e maior participação do(a) editor(a) responsável num processo de mentoria e correções de falhas inerentes ao início da carreira jornalística – o que pode confundir a percepção do participante no que seria uma influência externa em seu trabalho ou apenas parte do processo de aprendizado. Isso, de facto, concorda com a constatação de que a prática jornalística é menos autônoma do que originalmente esperada por jovens jornalistas, como apresentado por Nölleke e colaboradores (2020). Os autores também constataram em seus estudos que diretrizes editoriais, pressão de tempo e restrições econômicas são os maiores limitadores dos desejos individuais dos jornalistas entrevistados.

Sobre as influências das fontes de informação

As oito afirmações subsequentes do inquérito dizem respeito nomeadamente à influência das fontes de informação no trabalho dos jovens jornalistas, sendo que as quatro primeiras desta subsecção dizem respeito à influência no trabalho do próprio inquirido.

Na primeira afirmação desta subsecção, que afirma "Eu já fui influenciado(a) pelo interesse da fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho", a maioria dos participantes (n=8) selecionou a opção Nunca, como visto na Figura 7.

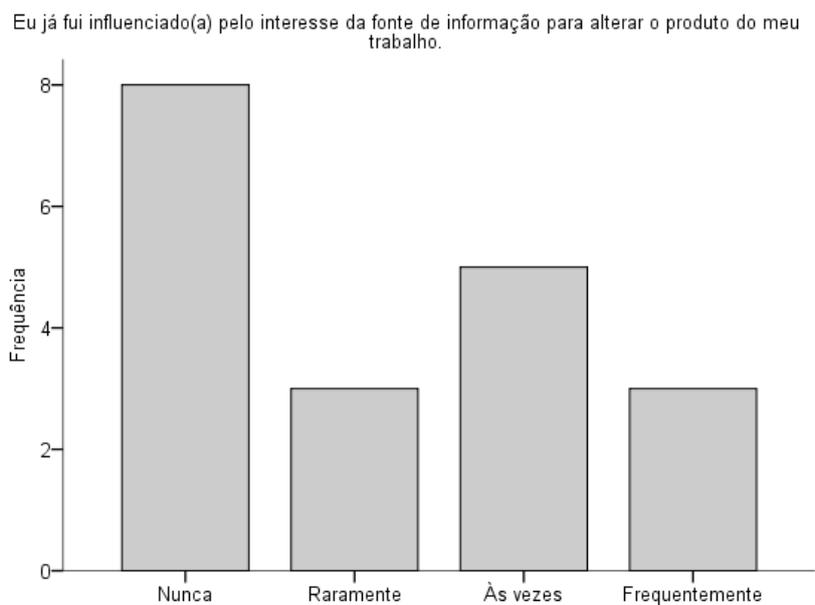


Figura 7. Respostas da afirmação 6

A segunda afirmação, "Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica de uma fonte", como apresentado na Figura 8, apresentou a opção Nunca (n=7) como a mais selecionada.

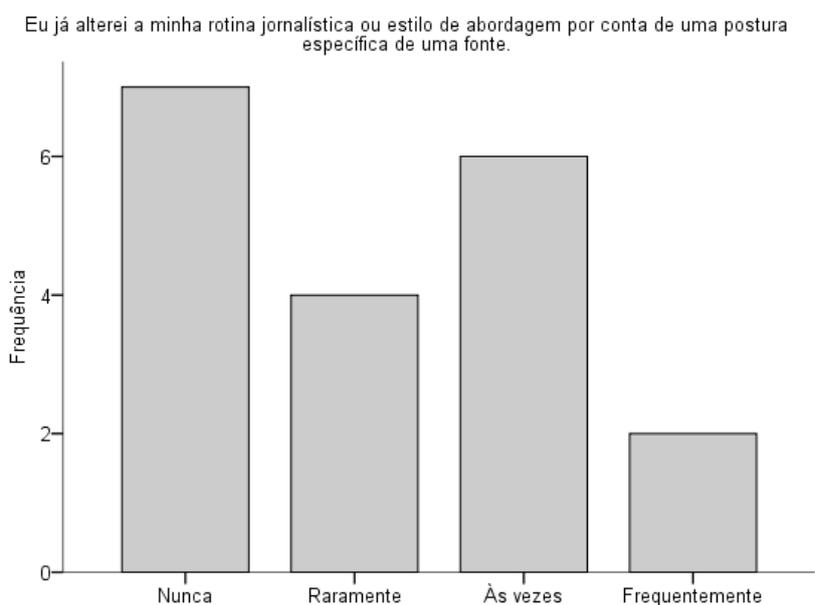


Figura 8. Respostas da afirmação 7

Na terceira afirmação, "Eu já fui influenciado, mesmo que inconscientemente, a alterar o enquadramento de um trabalho por conta da minha relação (positiva ou negativa) com uma fonte de informação", como pode ser visto na Figura 9, a opção mais apontada foi Às vezes, com nove seleções.

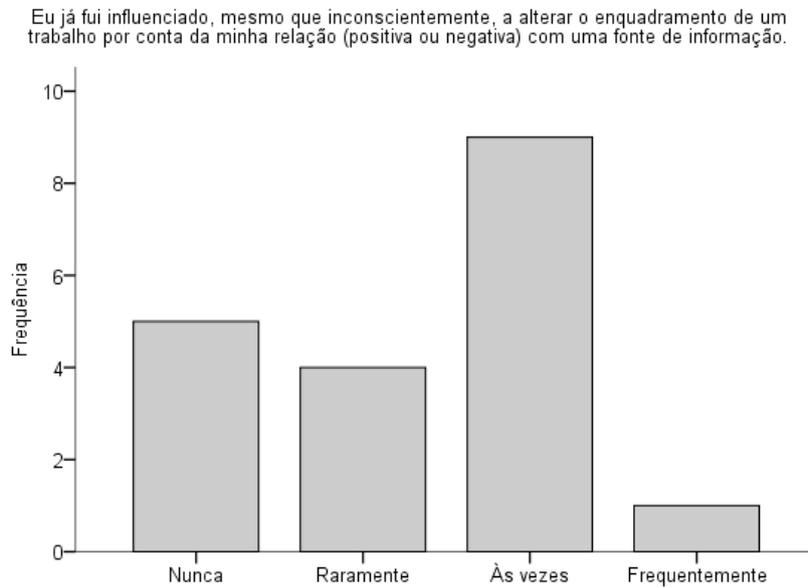


Figura 9. Respostas da afirmação 8

Por fim, na quarta afirmação desta subsecção, "Eu já me senti intimidado por uma fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho", como exibido na Figura 10, a maioria dos participantes, oito, selecionou a opção Raramente.

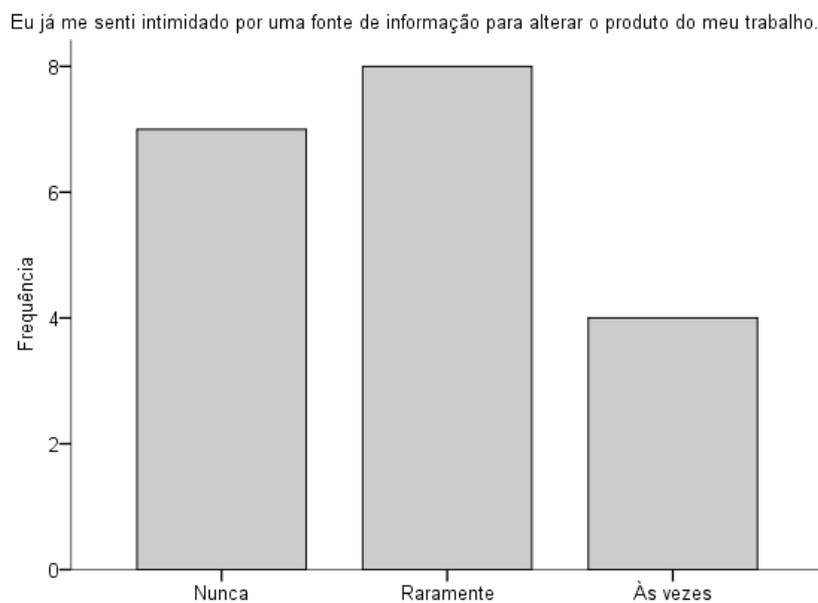


Figura 10. Respostas da afirmação 9

As próximas três afirmações são relativas a ter ou não presenciado algum tipo de influência por parte das fontes de informação acontecer com um colega de trabalho. Desta forma, a quinta afirmação, "Eu já presenciei algum tipo de influência provinda da fonte de informação acontecer com meu colega, também iniciante na profissão", como apontado na Figura 11, apresentou a opção Às vezes como a mais selecionada, com nove escolhas.

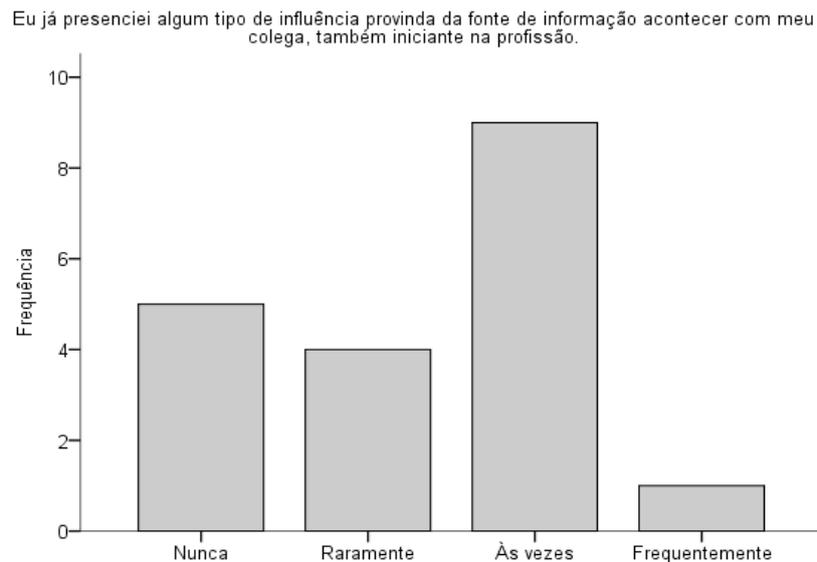


Figura 11. Respostas da afirmação 10

A sexta afirmação, que afirmou "Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência de uma fonte de informação", apresentou as opções Raramente (n=7) e Às vezes (n=7) foram maioria. Demonstrado na Figura 12.

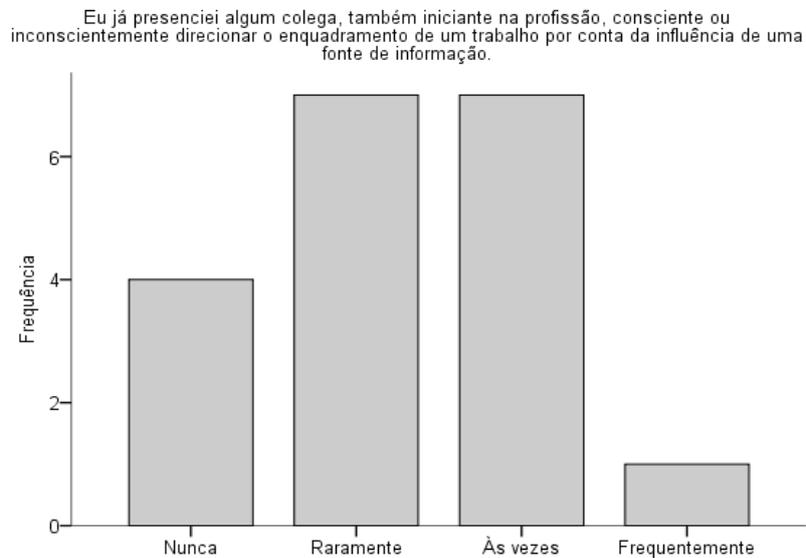


Figura 12. Respostas da afirmação 11

Já a sétima afirmação, "Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta do relacionamento prévio com uma fonte de informação", como demonstrado na Figura 13, teve na opção Raramente a sua maioria, com sete seleções, seguida de Às vezes, com 5 seleções.

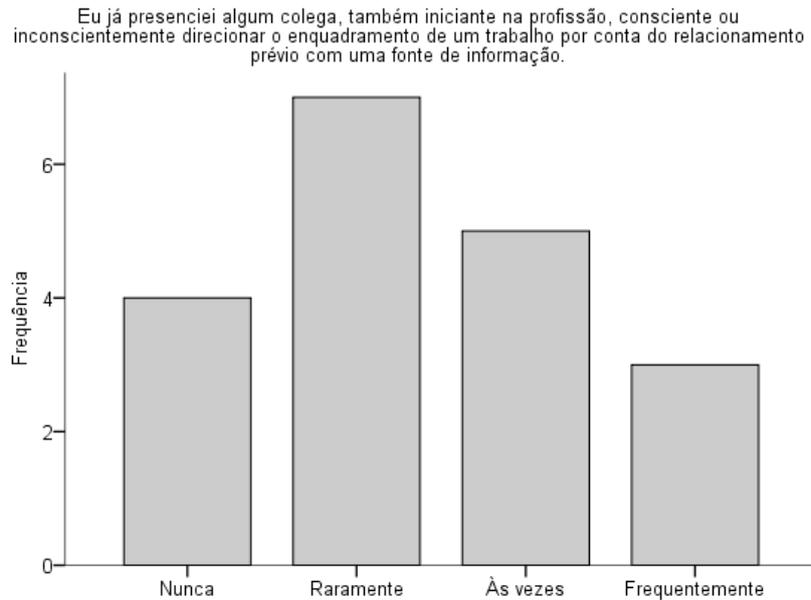


Figura 13. Respostas da afirmação 12

Por fim, a última afirmação desta subsecção do inquérito, que afirmou "Eu alterei minha forma de abordagem com as fontes de informação após ter vivenciado ou presenciado pressões externas ao trabalho jornalístico", envolve uma situação mais generalista, e teve maior representatividade na opção Nunca, com nove pessoas a selecioná-la, como pode ser visto na Figura 14.

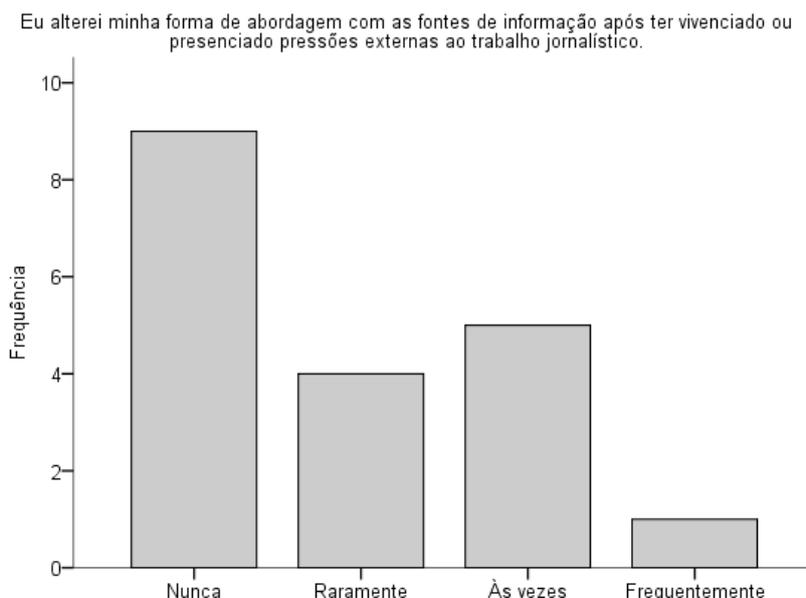


Figura 14. Respostas da afirmação 13

Ao analisarmos a primeira e a quinta afirmações, que dizem respeito a influência pessoal (primeira afirmação) e observada em colegas (quinta afirmação), podemos observar uma certa discrepância nos resultados. Enquanto na primeira afirmação percebemos que a opção Nunca foi a mais selecionada, na quinta afirmação a opção mais escolhida foi Às vezes. Esses dados sugerem que há, de fato, um conhecimento por parte dos participantes na influência das fontes de informação no trabalho dos jornalistas, corroborando os estudos de tantos autores, como Gans (2004) e Berkowitz (2009). Entretanto, pode-se perceber que as respostas divergem consideravelmente: embora reconheçam uma influência recorrente por parte das fontes no trabalho de colegas, os participantes têm dificuldade em identificar a mesma influência no seu próprio ofício.

Isso nos leva a analisar as afirmações seguintes, mais especificamente as de número três e sete, que projetam uma influência de forma inconsciente por conta de um relacionamento prévio com as fontes de informação. Nestes casos, percebemos que há uma maior proximidade nas respostas majoritárias, para Às vezes (terceira afirmação) e para Às vezes e Raramente (sétima afirmação). Estes dados sugerem que há um reconhecimento por parte dos participantes de que uma influência, mesmo que seja inconsciente, é possível quando se trata de jornalistas que mantêm um relacionamento prévio com a fonte. O trabalho cooperativo com as fontes (Blumler e Gurevitch, 1981, citados em Lewis et al., 2008), a "proteção" destas (Revers, 2014), ou até mesmo os cada vez mais frequentes *press releases* a desempenhar certo papel de *agenda-setting* (Lewis et al., 2008), são também formas de influência que podem passar despercebidas da percepção dos jornalistas por se tratar de práticas tão comuns e

que fazem parte de suas rotinas. Desta forma, a influência pode, de facto, se dar inconscientemente, mas se dá na mesma.

Também há a possibilidade de que os participantes desta pesquisa tenham lidado, em seus inícios de carreiras, com fontes de informação com pouco poder de barganha para influenciá-los, o que justifica os resultados aqui apresentados. Como aponta Berkowitz (2009), a hipótese de que a balança de poder entre organizações jornalísticas e fontes pode variar, a depender do contexto em que atuam. Num contexto regional, portanto, pode haver o equilíbrio de poder proposto pelo autor: um repórter de mídia local (como em uma rádio universitária) a trabalhar histórias locais, pode vir a ter o mesmo nível de poder que suas fontes, também locais.

Ao analisarmos a quarta afirmação, que versa sobre a possibilidade de intimidação por parte das fontes para alterar o trabalho dos jornalistas, houve certa concordância de que estes são casos raros ou mesmo inexistentes ao início da carreira, embora quatro participantes tenham selecionado a opção Às vezes. Como apontado anteriormente, são mais frequentes os casos de intimidação quando jornalistas lidam com entidades políticas (Revers, 2014), o que pode sugerir que profissionais em início de carreira acabem por cobrir assuntos mais generalistas, com pouco envolvimento destas entidades políticas. Estes são dados que concordam com as constatações de Gans (2004), o autor enxerga estes casos de intimidação como raros no meio jornalístico, e destaca que mesmo quando uma fonte detém o poder, é raro que o use para intimidar ou forçar sua informação na agenda dos jornalistas, sendo muito mais comum que use seu poder para influenciar o enquadramento da história.

1.3. Análise descritiva sobre a experiência na profissão de forma geral

A última secção do inquérito foi apresentada com quatro afirmações sobre a experiência do jornalista durante toda a sua carreira na profissão. Entretanto, é importante ressaltar que estas afirmações têm valor invertido, com exceção da última afirmação. Também nesta secção foi feita uma pergunta de múltipla escolha a respeito das três principais causas para a aceitação por parte dos jornalistas às pressões externas.

Como demonstrado na Figura 15, na primeira afirmação desta secção, "Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais independência ao jornalista para evitar influência do(a) editor(a) em seu trabalho", a maioria dos participantes (n=14) selecionou a opção Frequentemente.

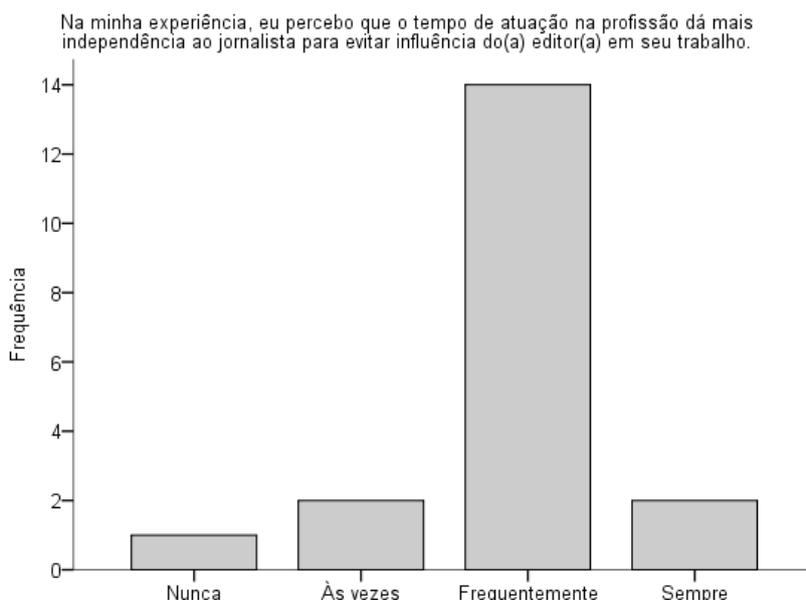


Figura 15. Respostas da afirmação 14

Na segunda afirmação, "Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais confiança ao jornalista para evitar influência externa em seu trabalho", 15 participantes selecionaram a opção Frequentemente, como visto na Figura 16.

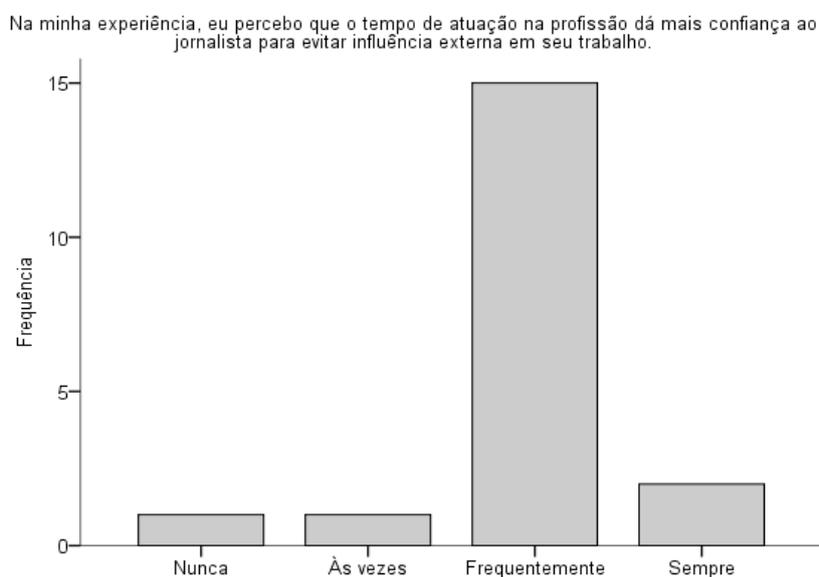


Figura 16. Respostas da afirmação 15

A terceira afirmação, "Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais credibilidade ao jornalista perante as fontes de informação", como visto na Figura 17, também viu a maioria dos participantes (n=10) a selecionar a opção Frequentemente.

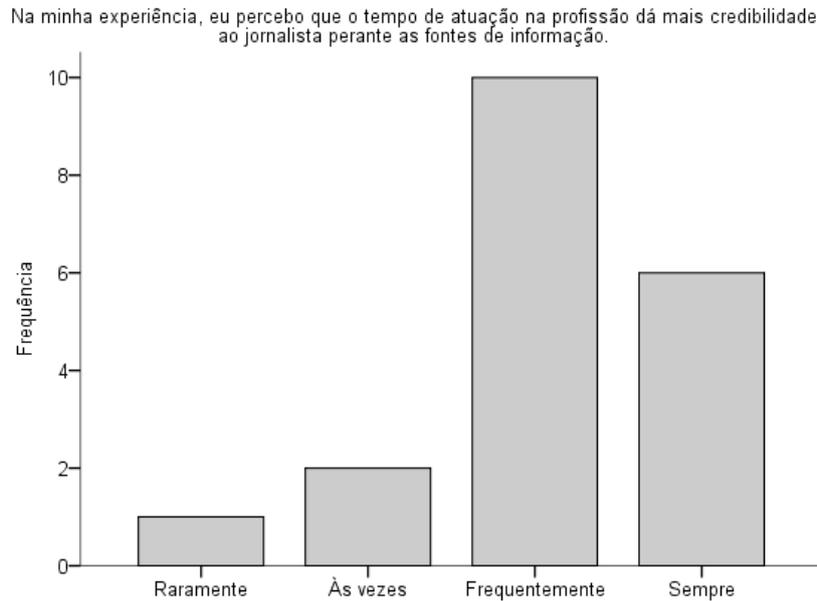


Figura 17. Respostas da afirmação 16

A quarta afirmação, "Na minha experiência, eu percebo que os jornalistas mais jovens são suscetíveis a pressões externas em seus trabalhos", esta não mais a ter sua pontuação invertida na secção, registrou oito escolhas para a opção Frequentemente seguido logo em seguida pela opção Às vezes, com sete escolhas, como demonstrado na Figura 18.

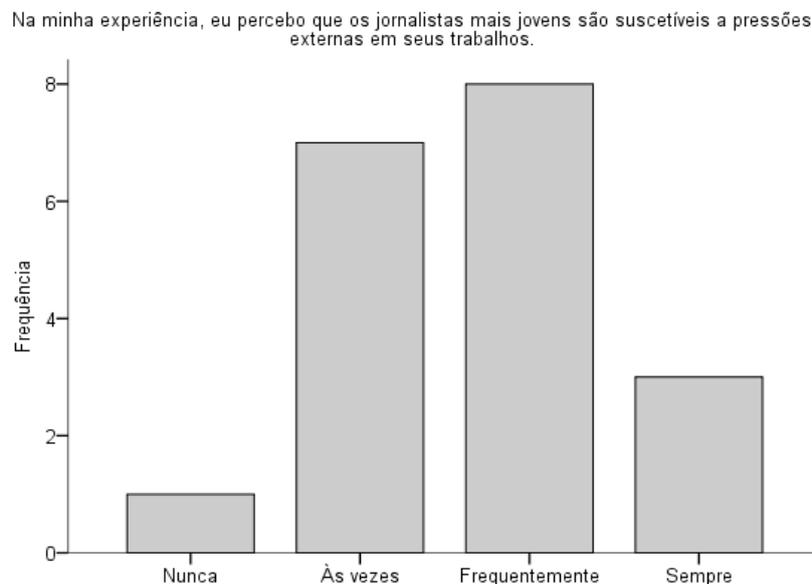


Figura 18. Respostas da afirmação 17

Novamente os dados apontam para uma divergência entre a reflexão dos participantes no que tange as influências no seu próprio trabalho (como apontado nas afirmações da secção anterior) e como enxergam estas influências no trabalho de jovens jornalistas de forma geral. Na primeira afirmação desta secção, que aponta para o tempo de trabalho como um fator determinante para dar mais independência ao jornalista para evitar influência do(a) editor(a) em seu trabalho, a grande maioria dos participantes selecionou Frequentemente ou Sempre, a concordar com a frase. Na segunda afirmação, que afirmou que o tempo de trabalho é determinante para dar mais confiança ao jornalista em evitar influências externas, a concordância foi ainda mais contundente nas escolhas para Frequentemente ou Sempre.

Na quarta afirmação, a afirmar que os jornalistas mais jovens são suscetíveis a pressões externas, nota-se que quase a totalidade dos participantes escolheram Às vezes, Frequentemente ou Sempre, sendo que a alternativa mais selecionada foi Frequentemente (n=8). São dados que sugerem que as pessoas de fato percebem que influências externas existem e veem acontecer ao seu redor. Porém, ao responderem ao inquérito, houve uma certa dificuldade em perceberem acontecer no seu próprio trabalho.

A continuar o inquérito, foi proposta uma questão com nove alternativas a respeito da percepção dos participantes sobre os motivos que levam os jornalistas a aceitarem pressões externas em seus trabalhos. Embora o enunciado propusesse a escolha de apenas três alternativas principais, dois participantes escolheram mais opções (seis e cinco) e um participante escolheu menos opções (duas). Seguem a seguir as nove alternativas propostas, assim como as porcentagens com que estas foram selecionadas pelos participantes: Inexperiência (n=14); Falta de tempo (n=2); Poder da editora (n=4); Poder da fonte (n=5); Falta de autonomia (n=9); Ética profissional (n=2); Medo de retaliação (n=11); Medo de perder o emprego (n=14); Outra alternativa (n=0).

Percebe-se que Inexperiência, Medo de retaliação e Medo de perder o emprego foram as opções mais selecionadas pelos participantes da pesquisa. Os dados sugerem que os jornalistas enxergam que a inexperiência ao início da carreira pode ser um fator determinante para que haja influência externa em seus trabalhos, assunto já amplamente abordado e que concorda com as discussões aqui apresentadas.

Por outro lado, Medo de retaliação e Medo de perder o emprego levantam novamente questões referentes ao lado organizacional e editorial desta pesquisa — embora a opção Poder da editora tenha somado apenas quatro escolhas. As preocupações dos jornalistas participantes do estudo são condizentes com a crise que atravessa o sector (Pacheco e Rebelo, 2014). Como exemplo, podemos

levantar os dados apresentados pela pesquisa da Obercom, que mostram que grande parte dos profissionais do sector está insatisfeita com sua profissão em aspectos como progressão na carreira, estabilidade laboral e evolução das condições de trabalho (Crespo et al., 2017).

Essa instabilidade laboral pode demonstrar uma certa falta de autonomia, mesmo que pouco aparente. Afinal, como visto anteriormente, embora os participantes tenham em sua maioria escolhido opções que demonstram pouca influência editorial ou das fontes em seus trabalhos, questões subsequentes demonstraram que as mesmas pessoas percebem influências ao seu redor, reconhecem a inexperiência como um dificultador para a autonomia e temem pela segurança de seus empregos. Desta forma, ao analisarmos a opção Falta de autonomia, podemos perceber que ela também mostrou resultados relevantes, tendo sido selecionada em nove oportunidades.

São dados que se assemelham aos levantados pelo relatório da Obercom com jornalistas portugueses, que também apontou para números relevantes no que tange a falta de autonomia dos profissionais, em especial para fatores internos de condicionalismo profissional: 31,5% dos participantes disseram ser pouco ou nada autónomos em relação às decisões das chefias e 41% em relação às decisões administrativas (Crespo et al., 2017). Estes dados demonstram que o processo noticioso é, de facto, sempre influenciado pela estrutura econômica e cultural do próprio veículo de comunicação, como apresentado por Schudson (1989).

2. Apresentação dos resultados referentes à análise estatística

Como um dos objetivos era explorar e comparar se há diferença de percepção a respeito da influência externa na atuação do jornalista entre Brasil e Portugal, foi realizado um teste não-paramétricos, tendo em vista que a amostra tem menos de 30 participantes (Pagano & Gauvreau, 2017). O teste elencado foi o *Mann-Whitney* para variáveis independentes com dois grupos. Vale ressaltar que para a análise de comparação entre grupos, optou-se por excluir o único participante que havia atuado em outro país no seu primeiro ano de atuação. Elegeu-se o nível de significância $\leq 0,05$ (Pagano & Gauvreau, 2017). Primeiramente observou-se se havia influência do país nos primeiros anos de atuação para cada questão do questionário. Os resultados são apresentados no Quadro 5.

Quadro 5

País do Respondente e Questões Sobre o Primeiro Ano de Atuação

Questões sobre o primeiro ano de atuação	País do respondente (Brasil e Portugal)		
	Mann-Whitney U	Z	p
Eu já fui influenciado(a) pelo(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho.	34,000	-0.202	.84
Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica do(a) editor(a).	30,500	-.532	.59
Eu já me senti intimidado por um(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho.	23,500	-1.237	.22
Eu já presenciei algum tipo de influência provinda do(a) editor(a) acontecer com meu colega, também iniciante na profissão.	15,500	-1.992	.05*
Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência do(a) editor(a).	20,500	-1.675	.09
Eu já fui influenciado(a) pelo interesse da fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho.	31.000	-.497	.62
Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica de uma fonte.	34.000	-.196	.84
Eu já fui influenciado, mesmo que inconscientemente, a alterar o enquadramento de um trabalho por conta da minha relação (positiva ou negativa) com uma fonte de informação.	27.000	-.897	.37
Eu já me senti intimidado por uma fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho.	29.500	-.651	.51
Eu já presenciei algum tipo de influência provinda da fonte de informação acontecer com meu colega, também iniciante na profissão.	21.000	-1.523	.13
Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência de uma fonte de informação.	14.000	-2.177	.03*
Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta do relacionamento prévio com uma fonte de informação.	25.000	-1.069	.28
Eu alterei minha forma de abordagem com as fontes de informação após ter vivenciado ou presenciado pressões externas ao trabalho jornalístico.	25.000	-1.117	.26

Nota. *p ≤ 0,05

Como podemos observar nos resultados da análise estatística, as questões que apresentaram diferenças foram as relacionadas com a observação de influência acontecer com um colega de trabalho. No item "Eu já presenciei algum tipo de influência provinda do(a) editor(a) acontecer com meu colega, também iniciante na profissão", os participantes brasileiros tiveram uma reação mais favorável à afirmação do que os portugueses, sendo que três dos 12 respondentes do Brasil escolheram a opção Frequentemente e cinco escolheram a opção Às vezes. Já os seis participantes portugueses tiveram em Nunca e Raramente suas respostas mais escolhidas, com apenas um respondente a selecionar a opção Às vezes. O item "Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência de uma fonte de informação" apresentou resultados parecidos com o anterior. Enquanto quatro portugueses selecionaram a opção Raramente e dois selecionaram a opção Nunca, os participantes brasileiros, mais uma vez, demonstraram mais concordância com a afirmação, com sete dos 12 respondentes a selecionar a opção Às vezes e um a selecionar a opção Frequentemente. Estes dados, além de demonstrem uma disparidade entre a percepção de profissionais do Brasil e de Portugal para com o trabalho dos colegas de profissão, também fortalecem os dados levantados anteriormente, demonstrando que pode haver um distanciamento entre a autorreflexão e a percepção sobre o trabalho destes colegas, especialmente entre os profissionais brasileiros.

A seguir realizou-se o teste para as questões relacionadas à experiência atual do respondente, apresentada no Quadro 6. Como se pode observar, o país do respondente apresentou diferença significativa no item "Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais confiança ao jornalista para evitar influência externa em seu trabalho."

Quadro 6
País do Respondente e Questões Sobre a Experiência Atual

Questões sobre a experiência atual	País do respondente (Brasil e Portugal)		
	Mann-Whitney U	Z	p
Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais independência ao jornalista para evitar influência do(a) editor(a) em seu trabalho.	30.000	-.712	.48
Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais confiança ao jornalista para evitar influência externa em seu trabalho.	22.000	-2.018	.04*
Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais credibilidade ao jornalista perante as fontes de informação.	33.000	-.313	.75
Na minha experiência, eu percebo que os jornalistas mais jovens são suscetíveis a pressões externas em seus trabalhos.	26.000	-.998	.32

*p<0,05

Logo após realizou-se uma análise do escore total do questionário para o primeiro ano de atuação e para a experiência atual, onde não foram observadas diferenças significativas com relação ao país do respondente. Os resultados são apresentados no Quadro 7.

Quadro 7
País do Respondente e Escore Total (1º Ano e Atual)

Variáveis		Escore Total (1º ano)	Escore Total (Atual)
País do respondente	Mann-Whitney U	18.000	25.500
	Z	-1.691	-1.001
	p	.09	,317

3. Apresentação dos resultados referentes à análise descritiva qualitativa

Por fim, o inquérito disponibilizou um espaço para comentários a respeito das percepções dos jornalistas sobre as influências citadas anteriormente. Este espaço não era de preenchimento obrigatório, a resultar na participação de apenas oito pessoas.

Ao analisarmos estes resultados em comparação com outras secções do inquérito, é possível perceber algumas contradições entre a parte quantitativa e a qualitativa. Dos oito participantes que optaram por deixar um comentário, percebe-se que cinco mencionaram pressões do editorial, diretoria e área comercial da própria instituição jornalística em seus trabalhos.

Um dos participantes, por exemplo, descreveu que "*as principais influências vinham ainda mais de cima e não diretamente pelo editor, que também era jornalista e pensava como eu, as maiores pressões vinham da diretoria e da área comercial*". Essa perspectiva pode demonstrar que, ao analisar as primeiras afirmações do inquérito, pode ter havido um distanciamento entre o(a) editor(a) e a chefia. Ou seja, os participantes podem não enxergar o(a) editor(a) como seu superior, mas sim como colega. Desta forma, podem passar a acreditar que até mesmo uma alteração exigida diretamente por este(a) editor(a), não seja de facto uma imposição deste(a), mas uma ordem superior.

Em quatro relatos é possível perceber menções ao medo de retaliação e de perder o emprego, além de situações de estresse por pressões de superiores. São, novamente, informações que vão ao encontro de resultados encontrados por estudos como os de Pacheco e Rebelo (2014) e Crespo e colaboradores (2017), sobre a situação laboral dos jornalistas. Em um dos relatos, o inquirido revelou que "*acabamos seguindo o editorial ou a linha do jornal para não perdermos o emprego*", enquanto outro relatou que "*no início da carreira é difícil manter-se fiel às nossas convicções por medo de sofrer retaliação. Eu sempre trabalhei em televisão, e tive mais problemas (enfrentamentos) com editores do que com fontes*".

Além do relato descrito acima, apenas mais um participante mencionou alguma influência provida das fontes de informação em seu trabalho. No trecho, o inquirido informou que "*foram poucas ocasiões em que presenciei uma fonte usar seu poder para intimidar o jornalista. Porém, já ocorreu, geralmente em casos envolvendo pautas políticas*", o que concorda com os estudos trazidos à tona por Revers (2014).

Por fim, contrariando todos os outros relatos, apenas um participante refugou qualquer presença de influência externa em seu trabalho. No relato, disse: "*nunca, ao longo do meu percurso profissional, me deixei influenciar por alguma coisa que não fosse a convicção de que o meu trabalho era imparcial, como o jornalismo deve ser*". Entretanto, ao analisarmos as escolhas do participante na parte quantitativa da pesquisa, pode-se perceber certa incongruência com essa afirmação, visto que escolheu a opção Frequentemente para a afirmação "Eu já fui influenciado(a) pelo interesse da fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho".

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O estágio, iniciado em 16 de setembro de 2019 e finalizado em 13 de dezembro do mesmo ano, como parte da formação para o Mestrado em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, foi determinante para ilustrar todos os desafios e constrangimentos que os jornalistas enfrentam diariamente em seus ofícios. Não posso dizer que no breve período que convivi com os profissionais da Rádio Universitária do Minho testemunhei as angústias da discutida crise de identidade e financeira que assola o Jornalismo (Pacheco & Rebelo, 2014).

O setor jornalístico da RUM, talvez por ter em sua base estrutural os alicerces da Universidade do Minho, ainda parece ter liberdade e autonomia para fazer um jornalismo independente, não parece haver qualquer rachadura no "muro" que separa o setor comercial do jornalístico (Broersma & Singer, 2020). Por outro lado, presenciei alguns dos problemas mais habituais no Jornalismo atual, como uma redação com poucos profissionais — e estes a multiplicarem-se para cobrir todas as notícias e eventos que a região de Braga, Guimarães e arredores — e o tempo escasso, que praticamente impossibilita a investigação ou a criação de pautas mais elaboradas.

Foi numa redação frenética que adentrei sem experiência alguma no jornalismo, e a trazer comigo muito receio e insegurança, pois de facto não sabia como era feito um bom trabalho jornalístico na prática. Correia (2006, citado em Pacheco & Rebelo, 2014) afirma que empresas de mídia são resistentes aos treinamentos de novatos porque consideram que isso gasta tempo que o profissional poderia estar a exercer tarefas rotineiras. Na RUM, não sinto que houve qualquer resistência por parte da editora ou dos colegas em ajudar-me, mas sim uma crítica falta de tempo para instruir um estagiário sem qualquer experiência na área.

O aprendizado foi, de facto, nas tarefas rotineiras mais simples, como na busca por notícias em outras mídias ou no trabalho sobre *press releases* — uma das práticas mais comuns no jornalismo moderno (Lewis et al., 2008). Foram nas entrevistas telefônicas, que trabalhei após os encaminhamentos de *press releases*, que tive meu primeiro contato com fontes de informação no Jornalismo. Nestes momentos de conversas com pessoas que queriam distribuir de forma positiva suas mensagens que pude perceber mais ativamente a responsabilidade do jornalista e o exercício constante que este deve praticar para não se deixar influenciar, mesmo quando se trata de assuntos de pouca relevância. Tarefa esta que, como pudemos ver tanto nos estudos apresentados como nos resultados obtidos nesta pesquisa, é muito desafiadora. Ao final do período de estágio, embora tenha aprendido muito sobre

redação, análise, síntese, edição, e outras perícias necessárias para o profissional do jornalismo, sinto que aprendi muito mais a entender o processo e respeitá-lo.

O projeto deste trabalho teve início ainda durante o período de estágio. Após os contatos com os *press releases* e as fontes de informação, as primeiras reflexões sobre o tema, notadamente a carga de influência externa no trabalho dos jornalistas e a batalha de poder entre estes e suas fontes, vieram à tona. Os temas aqui apresentados e discutidos são amplamente abordados na literatura, com destaque para trabalhos como *Reporters and their sources* (Berkowitz, 2009), *A question of power: The changing dynamics between journalists and sources* (Broersma et al., 2013), *Do Politicians Lead the Tango?* (Strömbäck & Nord, 2006) e *Deciding what's News: A study of CBS Evening News* (Gans, 2004).

Com o objetivo primário de compreender melhor a percepção dos jornalistas, notadamente o primeiro ano de atuação, no que tange estas influências externas, tanto de fontes de informação como da área editorial, foi realizado um inquérito utilizando a escala Likert, além de uma questão de múltipla escolha e uma área aberta a comentários sobre os temas apresentados. Visto que a relação de poder entre organizações jornalísticas e fontes pode depender do contexto em que estão inseridas (Berkowitz, 2009), a ideia inicial era ter uma amostra ampla de participantes tanto de Brasil como de Portugal, com o intuito de fazer um estudo comparativo entre as experiências profissionais nos contextos de duas realidades diferentes.

Entretanto, o processo de coleta de dados foi bastante difícil e, como todo o trabalho foi feito durante o ano de 2020, teve sua limitação potencializada pelo distanciamento social imposto pela pandemia da Covid 19. Enviados de forma exclusivamente online, os 85 convites para a participação na pesquisa apresentaram um retorno de apenas 19 pessoas, mesmo após insistência e reenvio. Embora a maioria dos jornalistas convidados tenha sido de nacionalidade portuguesa, a amostra contou com apenas seis participantes portugueses, enquanto o número de brasileiros participantes foi de 12. Uma amostra bastante pequena e irregular.

Apesar das dificuldades e limitações, a pesquisa encontrou resultados significativos. Na análise descritiva do inquérito, as afirmações apresentadas, tanto de influência de editores, fontes ou mesmo da inexperiência do jovem jornalista como determinantes para a maneira com que este lida com as pressões externas, mostraram resultados que apontam para um distanciamento entre a percepção da influência no próprio trabalho e no trabalho de terceiros.

Na primeira subsecção, na qual foram apresentadas afirmações sobre a relação dos jornalistas com editores, percebeu-se que uma certa influência (sem intimidação) por parte destes superiores é vista como comum e presente ao início da carreira, um período notadamente mais dependente e menos

autônomo para o jornalista iniciante (Nölleke et al., 2020). Na segunda subseção, que apresentou afirmações sobre o relacionamento com as fontes de informação, houve uma tendência a minimizar as intervenções externas no trabalho do jornalista participante, embora a influência externa tenha sido reconhecida em diversas situações. Como apresentado por Blumler e Gurevitch (1980, citados em Pan & Kosicki, 2008), o trabalho cooperativo entre fontes e jornalistas é cada vez mais frequente. Como vimos anteriormente, apesar de haver uma certa batalha de poder para o controle do agenda-setting e do direcionamento do enquadramento, o trabalho entre fontes e jornalistas pode, também, transformar-se em uma rotina normalizada, um relacionamento orgânico (Revers, 2014), o que pode dificultar um reconhecimento de que se trata, de facto, de uma influência externa no processo noticioso.

Entretanto, os resultados também apresentaram certa incongruência entre as percepções dos participantes no que tange a influência externa em seu próprio trabalho e no trabalho de colegas. Nas afirmações que apontavam para a influência externa (de editores ou fontes) direta no trabalho do jornalista, houve uma tendência por parte dos participantes em minimizar ou negar estas possibilidades. Todavia, em afirmações que apontavam para perceber esta mesma influência no trabalho dos colegas jornalistas, houve respostas consideravelmente mais afirmativas. Na terceira subseção, grande parte dos participantes concordou com as afirmações que versavam sobre o tempo de atuação como fator determinante para dar mais confiança, autonomia e credibilidade para lidar com as pressões externas, assim como com a sentença que afirmou que os jovens jornalistas são mais suscetíveis a estas pressões.

Os dados coletados e analisados nas três subseções sugerem que há um reconhecimento por parte dos participantes de que há, de facto, influências externas no trabalho jornalístico de forma geral, mesmo que este se dê de forma inconsciente ou seja reconhecido apenas no trabalho dos colegas de profissão, o que demonstra um distanciamento entre a autorreflexão e a percepção do trabalho de terceiros.

Uma análise estatística comparativa entre as escolhas de participantes das nacionalidades brasileira e portuguesa foi capaz de demonstrar que há uma diferença entre as percepções dos jornalistas dos dois países justamente nestas afirmações sobre o trabalho dos colegas. Enquanto os profissionais portugueses demonstraram uma tendência menor em concordar com as afirmações que versavam sobre já ter presenciado alguma influência externa no trabalho de colegas (a maioria a optar pelas opções Nunca ou Raramente), os participantes brasileiros demonstraram uma concordância mais significativa com as mesmas afirmações (a maioria a optar pelas opções Às Vezes ou Frequentemente).

Estes dados, além de demonstrarem uma disparidade entre as percepções de profissionais do Brasil e de Portugal para com o trabalho dos colegas de profissão, também fortalecem os resultados levantados anteriormente, demonstrando que pode haver um distanciamento entre a autorreflexão e a percepção sobre o trabalho destes colegas, especialmente entre os profissionais brasileiros. Estes são resultados que reforçam a hipótese de que o contexto no qual os profissionais estão inseridos pode apresentar diferenças em suas perspectivas (Berkowitz, 2009).

Como fechamento, o inquérito também disponibilizou uma questão de múltipla escolha e um espaço para comentários a respeito das percepções dos jornalistas sobre as influências citadas anteriormente. Foi possível constatar que há uma grande preocupação por parte da maioria dos profissionais com relação a insegurança no emprego, tanto nos comentários escritos como questão de múltipla escolha, sendo que as quatro opções mais selecionadas foram Inexperiência (n=14), Medo de perder o emprego (n=14), Medo de retaliação (n=11) e Falta de autonomia (n=9), dados que corroboram os estudos que demonstram que demissões e condições de trabalho são pouco favoráveis no cenário atual (Fidalgo, 2002, citado em Pacheco & Rebelo, 2014).

Embora os participantes tenham em sua maioria escolhido opções que demonstram pouca influência editorial ou das fontes em seus trabalhos, questões subsequentes demonstraram que as mesmas pessoas percebem influências ao seu redor, reconhecem a inexperiência como um dificultador para a autonomia e temem pela segurança de seus empregos. Estes dados demonstram que o processo noticioso é, de facto, sempre influenciado pela estrutura econômica e cultural do próprio veículo de comunicação, como apresentado por Schudson (1989).

Apesar da relevância do tema e dos esforços do investigador para atingir um número mais contundente de participantes, houve um retorno de menos de 25% em comparação com os convites enviados. Além disso, houve pouco retorno por parte dos jornalistas portugueses, o que dificultou a obtenção de dados relevantes para a análise estatística comparativa. Estes foram fatos que impossibilitaram a obtenção de uma amostra que permitisse uma análise mais robusta, o que deixa a análise deste tema muito longe do ideal.

Os dados obtidos no estudo, que a princípio tinha o intuito de analisar a reação dos jovens jornalistas com relação às influências das fontes de informação, acabaram por confirmar outras questões importantes em diferentes segmentos, como relações difíceis com outros setores de dentro da própria empresa — nomeadamente comerciais e chefias —, além da instabilidade no emprego, mais uma vez demonstrando que os jovens podem mesmo ser os elos mais frágeis da cadeia produtiva das instituições jornalísticas (Fidalgo, 2002, citado em Pacheco & Rebelo, 2014).

Mesmo limitados, os resultados apresentados neste estudo sugerem que não há um total entendimento ou interesse do fenômeno por parte de jornalistas em início de carreira, e das implicações disso em suas rotinas de trabalho. Uma maior exploração do tema, com uma amostra mais ampla, pode ser extremamente relevante para ajudar no entendimento e compreensão das perspectivas dos jovens jornalistas. Além disso, dar seguimento em pesquisas que explorem os primeiros anos de atuação jornalística pode ajudar no processo de aperfeiçoamento dos métodos de formação destes jovens, com uma maior conscientização sobre a realidade que enfrentarão no mercado de trabalho e as pressões que eventualmente sofrerão.

Referências Bibliográficas

- Albæk, E. (2011). The interaction between experts and journalists in news journalism. *Journalism*, 12(3), 335–348. <https://doi.org/10.1177/1464884910392851>
- Berkowitz, D. (1987). TV News Sources and News Channels: A Study in Agenda-Building. *Journalism Quarterly*, 64(2–3), 508–513. <https://doi.org/10.1177/107769908706400231>
- Berkowitz, D. (2009). Reporters and their sources. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (pp. 165–179). New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315167497-11>
- Broersma, M., Den Herder, B., & Schohaus, B. (2013). A question of power: The changing dynamics between journalists and sources. *Journalism Practice*, 7(4), 388–395. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.802474>
- Broersma, M., & Singer, J. B. (2020). Caught Between Innovation and Tradition: Young Journalists as Normative Change Agents in the Journalistic Field. *Journalism Practice, AHEAD OF P*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1824125>
- Bruns, A. (2018). *Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere* (Digital Fo). New York: Peter Lang.
- Cacciatore, M. A., Scheufele, D. A., & Iyengar, S. (2016). The End of Framing as we Know it ... and the Future of Media Effects. *Mass Communication and Society*, 19(1), 7–23. <https://doi.org/10.1080/15205436.2015.1068811>
- Cobb, R., Ross, J.-K., & Ross, M. H. (1976). Agenda Building as a Comparative Political Process. *The American Political Science Review*, 70(1), 126–138. <https://doi.org/https://doi.org/10.1017/S0003055400264034>
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2ª). Coimbra: Almedina.
- Crespo, M., Azevedo, J., Sousa, J., Cardoso, G., & Paisana, M. (2017). *Jornalistas e Condições Laborais: Retrato de uma Profissão em Transformação*. Lisboa. Retrieved from https://obercom.pt/wp-content/uploads/2017/03/2017_OBERCOM_Jornalistas_Condicoes_Laborais.pdf

- D'Angelo, P. (2017). Framing: Media Frames. In P. Roessler, C. A. Hoffner, & L. van Zoonen (Eds.), *The International Encyclopedia of Media Effects* (pp. 1–10). New York: Wiley.
<https://doi.org/10.1002/9781118783764.wbieme0048>
- Entman, R. M. (1993). Framing : Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication, 43*(4), 51–58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Gans, H. J. (2004). *Deciding what's News: A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time* (2004th ed.). Evanston: Northwestern University Press.
- Lewis, J., Williams, A., & Franklin, B. (2008). A compromised fourth estate? UK news journalism, public relations and news sources. *Journalism Studies, 9*(1), 1–20.
<https://doi.org/10.1080/14616700701767974>
- Mccombs, M. E., & Shaw, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly, 36*(2), 176–187. <https://doi.org/10.1086/267990>
- Nölleke, D., Maares, P., & Hanusch, F. (2020). Illusio and disillusionment: expectations met or disappointed among young journalists. *Journalism, 00*(0), 1–17.
<https://doi.org/10.1177/1464884920956820>
- Pacheco, L., & Rebelo, J. (2014). The predicament of Young Journalists: The study of Portugal. *Observatorio, 8*(2), 83–109. <https://doi.org/10.7458/obs822014753>
- Pagano, M., & Gauvreau, K. (2017). *Princípios de Bioestatística (2ª)*. São Paulo: Cengage Learning.
- Pan, Z., & Kosicki, G. M. (2008). Framing as a Strategic Action in Public Deliberation. In S. D. Reese, O. H. Gandy Jr., & A. E. Grant (Eds.), *Framing Public Life: Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World* (p. 413). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Perlin, R. (2011, April 2). Unpaid Interns, Complicit Colleges. *New York Times*, pp. 1–4. Retrieved from https://www.nytimes.com/2011/04/03/opinion/03perlin.html?_r=1&hp=&pagewanted=
- Reese, S. D. (1991). Setting the Media's Agenda: A Power Balance Perspective. *Annals of the International Communication Association, 14*(1), 309–340.
<https://doi.org/10.1080/23808985.1991.11678793>

- Reich, Z. (2006). The process model of news initiative: Sources lead first, Reporters thereafter. *Journalism Studies*, 7(4), 497–514. <https://doi.org/10.1080/14616700600757928>
- Resse, S. D. (2008). Framing Public Life: A Bridging Model for Media Research. In S. D. Reese, O. H. Gandy, & A. E. Grant (Eds.), *Framing Public Life: Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World* (p. 413). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Resse, S. D., Gandy, O. H., & Grant, A. E. (2008). Introduction. In S. D. Reese, O. H. Gandy, & A. E. Grant (Eds.), *Framing Public Life - Perspectives on media and our Understanding of the Social World* (p. 413). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Revers, M. (2014). Journalistic professionalism as performance and boundary work: Source relations at the state house. *Journalism*, 15(1), 37–52. <https://doi.org/10.1177/1464884913480459>
- Schudson, M. (1989). The sociology of news production. *Media, Culture & Society*, 11(3), 263–282. <https://doi.org/10.1177/016344389011003002>
- Shoemaker, P. J., Vos, T. P., & Reese, S. D. (2009). Journalists as Gatekeepers. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (p. 467). New York: Routledge.
- Sigal, L. V. (1986). *Who? Sources make the news.* (R. K. Manoff & M. Shudson, Eds.). New York: Pantheon Books.
- Strömbäck, J., & Nord, L. W. (2006). Do Politicians Lead the Tango? *European Journal of Communication*, 21(2), 147–164. <https://doi.org/10.1177/0267323105064043>
- Tankard, J. W. (2008). The Empirical Approach to the Study of Media Framing. In S. D. Reese, O. H. Gandy, & A. E. Grant (Eds.), *Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world* (p. 413). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Thornton, L. J. (2011). The changing role of internships as newsrooms shrink and evolve: Collaboration and intern-as-teacher. *Journalism Education, Training and Employment*, 1978, 130–142. <https://doi.org/10.4324/9780203832349>

Anexos

Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estou realizando uma pesquisa que visa investigar se há influência das fontes de informação, experientes ou não, na atuação do jornalista em seu início de carreira, pontualmente na região sul do Brasil e no norte de Portugal. Assim, desde já agradeço sua colaboração.

Ressalto que a sua colaboração é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. Além disso, todos os cuidados serão tomados para garantir a confidencialidade das informações, preservando a sua identidade.

Mais uma vez agradeço a sua contribuição para o desenvolvimento dessa pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora orientadora deste estudo é a Professora Doutora Maria Elsa Sousa Costa Silva Morais, da Universidade do Minho. E o autor deste projeto é o mestrando em Ciência da Comunicação pela Universidade do Minho, Carlos Eduardo Piloto Cirne. A equipe pode ser contatada pelo e-mail carloscirne@gmail.com.

Ao prosseguir você autoriza a recolha e tratamento dos dados coletados para efeitos da realização da pesquisa intitulada “A influência das fontes de informação no trabalho de jovens jornalistas do Brasil e de Portugal” e aceita participar voluntariamente no presente estudo.

Aceita participar desta pesquisa?

[] Sim, aceito participar.

[] Não aceito participar.

Anexo 2. Inquérito

Questionário sociodemográfico:

Sexo: Mulher Homem

Idade: _____ anos.

Tempo de atuação como jornalista: : Menos de 6 meses Entre 6 meses e 1 ano Entre 1 ano e 5 anos Mais de 5 anos

Área de atuação como jornalista: Jornal online/ impresso Rádio Televisão Outra

País em que trabalha atualmente: Brasil Portugal Outro

Questionário Influência de fontes de informação

Há um conjunto de afirmações abaixo sobre a sua experiência profissional, com relação a influência da fonte de informação e do(a) editor(a). Usando a escala de 1 a 5 abaixo, por favor, indique a frequência com que você teve ou presenciou cada experiência no **INÍCIO DE SUA CARREIRA (1º ano de atuação profissional)**.

Eu já fui influenciado(a) pelo(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho.

() Nunca () Raramente () Às vezes () Frequentemente () Sempre

Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica do(a) editor(a).

() Nunca () Raramente () Às vezes () Frequentemente () Sempre

Eu já me senti intimidado por um(a) editor(a) para alterar o produto do meu trabalho.

() Nunca () Raramente () Às vezes () Frequentemente () Sempre

Eu já presenciei algum tipo de influência provinda do(a) editor(a) acontecer com meu colega, também iniciante na profissão.

() Nunca () Raramente () Às vezes () Frequentemente () Sempre

Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da influência do(a) editor(a).

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já fui influenciado(a) pelo interesse da fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já alterei a minha rotina jornalística ou estilo de abordagem por conta de uma postura específica de uma fonte.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já fui influenciado, mesmo que inconscientemente, a alterar o enquadramento de um trabalho por conta da minha relação (positiva ou negativa) com uma fonte de informação.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já me senti intimidado por uma fonte de informação para alterar o produto do meu trabalho.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já presenciei algum tipo de influência provinda da fonte de informação acontecer com meu colega, também iniciante na profissão.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta da **influência** de uma fonte de informação.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu já presenciei algum colega, também iniciante na profissão, consciente ou inconscientemente direcionar o enquadramento de um trabalho por conta do **relacionamento prévio** com uma fonte de informação.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Eu alterei minha forma de abordagem com as fontes de informação após ter vivenciado ou presenciado pressões externas ao trabalho jornalístico.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Agora, responda as perguntas com relação a sua experiência na profissão de forma geral.

Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais independência ao jornalista para evitar influência do(a) editor(a) em seu trabalho.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais confiança ao jornalista para evitar influência externa em seu trabalho.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Na minha experiência, eu percebo que o tempo de atuação na profissão dá mais credibilidade ao jornalista perante as fontes de informação.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

Na minha experiência, eu percebo que os jornalistas mais jovens são suscetíveis a pressões externas em seus trabalhos.

Nunca Raramente Às vezes Frequentemente Sempre

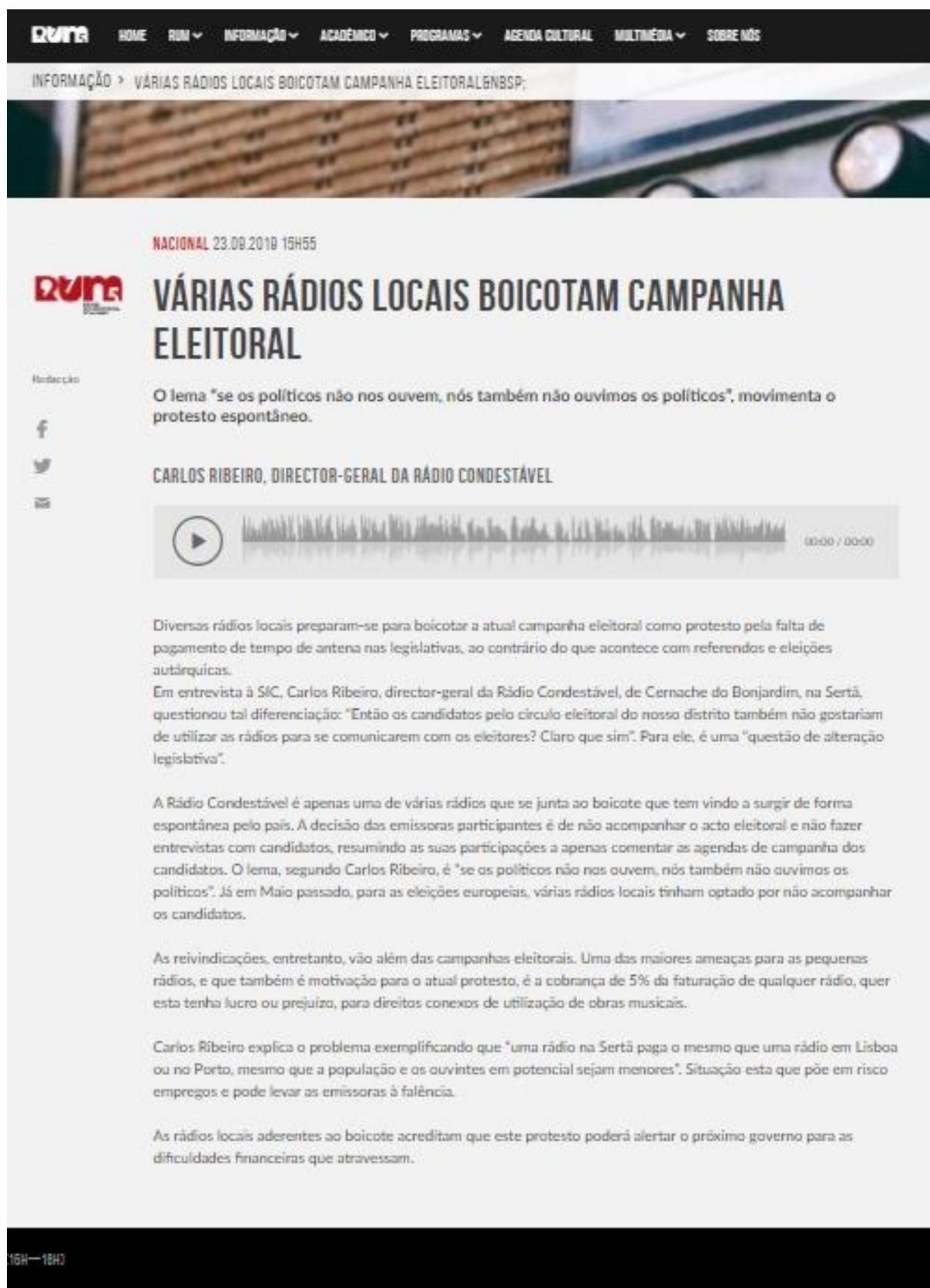
Na sua percepção quais são as três principais causas para a aceitação, por parte dos jornalistas, às pressões externas em seus trabalhos:

- Inexperiência Falta de tempo Poder da editora Poder da fonte
 Falta de autonomia Ética profissional Medo de retaliação Medo de perder o emprego
 Outra _____

O espaço abaixo é direcionado para comentários sobre como percebes que as influências citadas anteriormente afetaram o seu trabalho, seja na época, seja atualmente.

Anexo 3. Exemplos da participação em reportagens durante estágio na RUM

Anexo 3.1. Reportagem sobre boicote à campanha eleitoral (texto)



RUM HOME RUM ▾ INFORMAÇÃO ▾ ACADÉMICO ▾ PROGRAMAS ▾ AGENDA CULTURAL MULTIMÉDIA ▾ SOBRE NÓS

INFORMAÇÃO > VÁRIAS RÁDIOS LOCAIS BOICOTAM CAMPANHA ELEITORAL

NACIONAL 23.09.2019 15H55

VÁRIAS RÁDIOS LOCAIS BOICOTAM CAMPANHA ELEITORAL

O lema "se os políticos não nos ouvem, nós também não ouvimos os políticos", movimenta o protesto espontâneo.

CARLOS RIBEIRO, DIRECTOR-GERAL DA RÁDIO CONDESTÁVEL

Indicação

f

🐦

📺

00:00 / 00:00

Diversas rádios locais prepararam-se para boicotar a atual campanha eleitoral como protesto pela falta de pagamento de tempo de antena nas legislativas, ao contrário do que acontece com referendos e eleições autárquicas.

Em entrevista à SIC, Carlos Ribeiro, director-geral da Rádio Condestável, de Cernache do Bonjardim, na Sertão, questionou tal diferenciação: "Então os candidatos pelo círculo eleitoral do nosso distrito também não gostariam de utilizar as rádios para se comunicarem com os eleitores? Claro que sim". Para ele, é uma "questão de alteração legislativa".

A Rádio Condestável é apenas uma de várias rádios que se junta ao boicote que tem vindo a surgir de forma espontânea pelo país. A decisão das emissoras participantes é de não acompanhar o acto eleitoral e não fazer entrevistas com candidatos, resumindo as suas participações a apenas comentar as agendas de campanha dos candidatos. O lema, segundo Carlos Ribeiro, é "se os políticos não nos ouvem, nós também não ouvimos os políticos". Já em Maio passado, para as eleições europeias, várias rádios locais tinham optado por não acompanhar os candidatos.

As reivindicações, entretanto, vão além das campanhas eleitorais. Uma das maiores ameaças para as pequenas rádios, e que também é motivação para o atual protesto, é a cobrança de 5% da faturação de qualquer rádio, quer esta tenha lucro ou prejuízo, para direitos conexos de utilização de obras musicais.

Carlos Ribeiro explica o problema exemplificando que "uma rádio na Sertão paga o mesmo que uma rádio em Lisboa ou no Porto, mesmo que a população e os ouvintes em potencial sejam menores". Situação esta que põe em risco empregos e pode levar as emissoras à falência.

As rádios locais aderentes ao boicote acreditam que este protesto poderá alertar o próximo governo para as dificuldades financeiras que atravessam.

16H—18H

Anexo 3.2. Conferência de imprensa com o futebol feminino do Sporting Braga (imagem)

rúna HOME RUM ▾ INFORMAÇÃO ▾ ACADÉMICO ▾ PROGRAMAS ▾ AGENDA CULTURAL MULTIMÉDIA ▾ SOBRE NÓS 16°C, BRAGA PESQUISAR

INFORMAÇÃO > MIGUEL SANTOS: “NÃO CONSIDERO UMA FINAL”

Carlos Cirne

DESPORTO 03.01.2020 18H25

MIGUEL SANTOS: “NÃO CONSIDERO UMA FINAL”

O Sporting de Braga defronta o Sporting no primeiro desafio da segunda volta do campeonato.

Tiago Barquinha

OUVIR **rúna** NO AR TOP RUM (13H—15H) A SEGUIR. MUSICODEPENDÊNCIA (15H—16H)

aaum

Anexo 3.3. Reportagem sobre o a estreia do SC Braga na Taça da Liga (texto)

duva HOME RUM ▾ INFORMAÇÃO ▾ ACADÉMICO ▾ PROGRAMAS ▾ AGENDA CULTURAL MULTIMÉDIA ▾ SOBRE NÓS 16°C BRAGA

INFORMAÇÃO > BRAGA ESTREIA-SE NA TAÇA DA LIGA FRENTE AO PENAFIEL



SCB

DESPORTO 07.10.2019 15H52

duva

BRAGA ESTREIA-SE NA TAÇA DA LIGA FRENTE AO PENAFIEL

Redacção

f

t

m

O SC Braga inicia esta segunda-feira a participação na Taça da Liga. Ricardo Sá Pinto vê o jogo desta noite com o Penafiel como um "bom desafio" para uma "equipa ambiciosa e que entra em todos os jogos para vencer".

O SC Braga inicia, na noite desta segunda-feira, sua participação na Taça da Liga, frente ao Penafiel, equipa da segunda Liga do futebol português.

Em declarações à NEXT, o treinador dos arsenalistas, Ricardo Sá Pinto, acredita que a partida de hoje será difícil mas, simultaneamente, um bom desafio para o clube, especialmente por ser fora de casa e contra um motivado adversário da divisão inferior que já eliminou o Tondela na Taça da Liga.

Sá Pinto sublinhou que "espera um Penafiel organizado, que vai eventualmente baixar as suas linhas e tentar um contra-ataque ou um erro do Braga para poder surpreender". O treinador ressaltou que "é imperativo ao SC Braga marcar golos e não sofrer", para assegurar, além dos três pontos, mais confiança para o restante da competição. Os arsenalistas têm deixado a desejar no sector defensivo. Até agora, o SC Braga teve apenas três folhas limpas nos 13 jogos disputados na temporada. Mesmo com as eventuais dificuldades, Ricardo Sá Pinto reconhece que o SC Braga têm praticado um bom futebol e que o carácter ambicioso da equipa deve prevalecer: "Somos o Braga, uma equipa ambiciosa e que entra em todos os jogos para vencer. Este não foge à regra".

O SC Braga é o 11.º classificado da primeira Liga, enquanto o FC Penafiel é actual 9.º classificado da divisão inferior. O jogo tem o pontapé de saída marcado para as 20h15 desta segunda-feira, no Estádio Municipal 25 de Abril.

*CC

REGUR. MUSICDEPENDÊNCIA (16H—18H)

Anexo 3.4 Conferência de imprensa sobre o *ticket* turístico de estacionamento em Braga (imagem)

The image is a screenshot of a news article on the website 'DURA'. The top navigation bar includes the 'DURA' logo and menu items: HOME, RUM, INFORMAÇÃO, ACADÉMICO, PROGRAMAS, AGENDA CULTURAL, MULTIMÉDIA, and SOBRE NÓS. A search bar on the right contains '164C, BRAGA' and a 'PESQUISAR' button. Below the navigation, a breadcrumb trail reads 'INFORMAÇÃO > BRAGA VAI TER TICKET TURÍSTICO DE ESTACIONAMENTO DE 10 EUROS DIÁRIOS'. The main content area features a video player showing three men in a meeting. Below the video, the author 'Carlos Cirne' is listed. A small profile picture of 'Tiago Barquinha' is shown next to the text 'REGIONAL 30.10.2019 16H13'. The main headline is 'BRAGA VAI TER TICKET TURÍSTICO DE ESTACIONAMENTO DE 10 EUROS DIÁRIOS'. Below the headline, a sub-headline reads 'Consoante o tempo de utilização, existem três tipos de bilhetes.' The bottom of the page has a red 'OUVIR' button, a 'DURA' logo, and a list of other articles: 'NO 48 TOP RUM (13H—15H)' and 'A SEGUIR: MUSICODEPENDÊNCIA (15H—16H)'. On the right side of the bottom bar, there are icons for volume, a home button, and social media links for 'a3um' and 'youtube'.

Anexo 3.5. Reportagem sobre o Workshop de Língua Gestual promovido pelo Pan Braga (entrevista e texto)

The image is a screenshot of a news article from the website RUM (Rádio Universitária do Minho). The page layout includes a dark navigation bar at the top with the RUM logo and menu items: HOME, RUM, INFORMAÇÃO, ACADÉMICO, PROGRAMAS, AGENDA CULTURAL, MULTIMÉDIA, and SOBRE NÓS. Below the navigation bar, a breadcrumb trail reads 'INFORMAÇÃO > PAN BRAGA PROMOVE WORKSHOP DE LÍNGUA GESTUAL'. The article is dated 'REGIONAL 26.11.2019 12H24'. The main title is 'PAN BRAGA PROMOVE WORKSHOP DE LÍNGUA GESTUAL'. The sub-headline is 'Sessão gratuita agendada para sábado decorrerá na Junta de Freguesia de S. Victor'. The article text states that Braga will receive a Portuguese Sign Language Workshop on the following Saturday, organized by PAN de Braga. The goal is to sensitize the population to people with hearing impairment. Rafael Pinto, a party member and event organizer, notes that many students struggle with sign language, and this workshop is a sign of concern. The workshop will be held from 15:00 to 17:00 on Saturday at the Junta de Freguesia de S. Victor. The article is attributed to Carlos Cirne, a student at the University of Minho.

DR

REGIONAL 26.11.2019 12H24

PAN BRAGA PROMOVE WORKSHOP DE LÍNGUA GESTUAL

Redacção

Sessão gratuita agendada para sábado decorrerá na Junta de Freguesia de S. Victor

Braga vai receber no próximo sábado um Workshop de Língua Gestual Portuguesa. A iniciativa é organizada pelo PAN de Braga. A ideia passa por sensibilizar a população para as pessoas com deficiência auditiva.

À RUM, Rafael Pinto, membro do partido e também responsável pelo evento, afirma que "todos podem beneficiar ao saber um pouco sobre a língua gestual", sendo este workshop um sinal de preocupação com as pessoas com deficiência auditiva. Será uma espécie de "introdução gratuita" à língua gestual disponível para qualquer cidadão interessado.

Uma aula de duas horas com a presença de formadores que além de ensinar aproveitarão para "partilhar a dificuldade de muitos alunos", que muitas vezes são obrigados a deslocações de grande distância para outras escolas "uma vez que nem todas as escolas estão preparadas", explica Rafael Pinto.

O Workshop de Língua Gestual Portuguesa, decorre entre as 15h00 e as 17h00 do próximo sábado, na Junta de Freguesia de S. Victor. Uma iniciativa gratuita.

**Escrito por Carlos Cirne, estudante de Ciência da Comunicação da Universidade do Minho a frequentar o seu estágio curricular na RUM*

NO AR TOP RUM (13H—15H) A SEGUIR: MUSICODEPENDÊNCIA (15H—16H)